

Esta coletânea de textos é fruto da investigação desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, em consonância com a linha de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade, foca o esporte e o lazer no município de Sinop, situado na região Norte de Mato Grosso. A pesquisa tem relação e pretende contribuir com o levantamento sobre o Perfil do Esporte e Lazer de Estados, Distrito Federal e Municípios Brasileiros, conforme a Chamada Pública 01/01/2009/ME/SNDEL/REDE CEDES/PELC. Teve como objetivo levantar as condições da infraestrutura física da cidade e do campo do município, no tocante ao esporte e lazer, bem como captar junto aos sujeitos as representações sociais dos envolvidos com o fenômeno.

Neste conjunto de textos, os sujeitos investigados vivem o seu tempo livre e suas relações com o lazer dando vazão a uma sociabilidade de fronteira. Com isso, abre espaço para quem vive na fronteira, por vezes em suspensão e em um espaço vazio. São descritas passagens nas quais a novidade e a necessidade do imprevisto “[subvertem] todos os planos e previsões; [induzem] à criação e ao oportunismo, como quando o desespero nos leva a recorrer ansiosamente a tudo o que nos pode salvar.” (SANTOS, 2007, p. 348). De sorte que se estabelece um diálogo dos migrantes com a tradição e desta alquimia que resultou a tradição imaginada se converta no que se precisa, ainda que na fronteira aquilo que é necessário talvez já esteja determinado por o que se tem à mão.

As formas de sociabilidade não corriqueiras, que aqui procuramos enfatizar nas situações de lazer experimentadas nessa fronteira, evidenciam que viver nesse lugar exige “jogo de cintura”, pois significa inventar tudo, incluindo o ato de inventar. Tentamos demonstrar nos casos retratados que as reservas de experiência e de memória que um sujeito ou grupo social carrega consigo para a situação da fronteira são transformadas em face das necessidades de estabelecimento de um contexto novo. No entanto, é possível que, devido à força com que as instituições assumem a função de socialização, a liberdade de transformação presente, de maneira incondicional, nas primeiras experiências limita a liberdade de transformação em experiências futuras.



Ministério do
Esporte



ISBN 978-85-327-0556-3



O ESPORTE E O LAZER
NA CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA

(Organizadores) José Tarcísio Grunennvaldt - Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
João Batista Lopes da Silva - Irene Carrillo Romero Beber

ESPORTE E LAZER

NA CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA

José Tarcísio Grunennvaldt
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
João Batista Lopes da Silva
Irene Carrillo Romero Beber
(Organizadores)





UFMT

Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor

João Carlos de Souza Maia

Coordenadora da EdUFMT

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari (IL)

Membros

Ademar de Lima Carvalho (UFMT Rondonópolis)

Antônio Dinis Ferreira (ESAC - IPC - Portugal)

Ana Carrilho Romero (FEF)

Andréa Ferraz Fernandez (IL)

Eduardo Beraldo de Moraes (FAET)

Giuvano Ebling Brondani (ICET)

Janaina Januário da Silva (FAMEVZ)

Lucyomar França Neto (Discente - FD)

Maria Cristina Theobaldo (ICHS)

Maria Eugenia Borsani (CEAPEDI - Argentina)

Maria Santíssima de Lima (Técnica - SECOMM)

Maria Thereza de Oliveira Azevedo (IL)

Marina Atanaka dos Santos (ISC)

Marliton Rocha Barreto (UFMT - Sinop)

Maurício Godoy (IF)

Michèle Sato (IE)

Roberto Apolonio (FAET)

Solange Maria Bonaldo (UFMT - Sinop)

Yuji Gushiken (IL)

José Tarcísio Grunennvaldt | Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

João Batista Lopes da Silva | Irene Carrillo Romero Beber

(Organizadores)

O ESPORTE E O LAZER

NA CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA



CUIABÁ - MT
2015

Copyright © José Tarcísio Grunennvaldt, Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, João Batista Lopes da Silva, Irene Carrillo Romero Beber, 2015.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EdUFMT segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E77 O esporte e o lazer : na configuração da sociabilidade de fronteira / José Tarcísio Grunennvaldt ... [et. al]. – Cuiabá : EdUFMT, 199 p. : il

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-327-0556-3

1. Esporte – Aspectos sociais – Sinop (MT). 2. Lazer - Aspectos sociais – Sinop (MT). 3. Cultura e lazer – Zonas rurais – Sinop (MT). I. Grunennvaldt, José Tarcísio, org. II. Grunennvaldt, Ana C. Romero, org. III. Silva, João Batista L. da, org. IV. Beber, Irene C. Romero, org.

CDU -- 796+379.8(817.2)

Supervisão Técnica: Janaina Januário da Silva

Revisão Textual e Normalização: Maria Auxiliadora Silva Pereira

Diagramação: Gisele de Albuquerque Gomes

Impressão: Grafica Editora Formulários Contínuos e Etiquetas F&F Ltda ME



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso

Av. Fernando Correa da Costa, 2.367.

Boa Esperança. CEP: 78060-900. Cuiabá-MT.

Contato:

edufmt@hotmail.com

www.editora.ufmt.br

Fone: (65) 3615-8322 / 3615-8325

CDU -- 796+379.8(817.2)

Esta obra foi produzida com recurso do Governo Federal



SUMÁRIO

PREFACIO	7
<i>Professor Doutor Cleomar Ferreira Gomes</i>	
APRESENTAÇÃO	9
<i>José Tarcísio Grunennvaldt</i>	
REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	13
<i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i>	
AS REPRESENTAÇÕES DO LAZER DA POPULAÇÃO DE SINOP-MT	27
<i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Ana Carrilho Romero Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i>	
O DESPORTO E O LAZER NA CIDADE E NO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT: IMPLICAÇÕES DO PRINCÍPIO DO DESPORTO PARA TODOS	45
<i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i>	
AS MULHERES DO CAMPO QUE RENUNCIAM O TEMPO LIVRE EM FAVOR DA SATISFAÇÃO DE ANSEIOS DE SEUS ENTES FAMILIARES	69
<i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Édija Pereira da Silva</i> <i>Tássia Caroline de Almeida Godoes</i> <i>Ana Carrilho Romero Grunennvaldt</i>	
A CONFIGURAÇÃO DE UM LUGAR DE FRONTEIRAS CIVILIZATÓRIAS: O ENCONTRO DA CIDADE COM O CAMPO	83
<i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i> <i>Adriana Renata Giasson</i> <i>Ana Carrilho Romero Grunennvaldt</i> <i>Wilson Kosloski Júnior</i>	

DANÇAR PARA VIVER MELHOR: O CASO DOS IDOSOS DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE SINOP-MT

105

José Tarcísio Grunennvaldt
Emerson Rodrigo Coletto
Adriana Renata Giasson

GATEBAL: "JOGANDO VOU ENTENDENDO E ENGREANDO E ASSIM É GOSTOSO, CATIVA E SEDUZ"

127

José Tarcísio Grunennvaldt
Wladislaw Kosloski
Emerson Rodrigo Coletto
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

O FUTEBOL EM SINOP-MT E AS REPRESENTAÇÕES DOS PRATICANTES: DIVERSÃO E DESCONTRAÇÃO

151

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
Mauver Antonio Sartori
Irene Carrillo Romero Beber
Romário Sidrone de Souza
José Tarcísio Grunennvaldt

A PESCARIA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT

163

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
José Tarcísio Grunennvaldt
Mauver Antonio Sartori
Wilson Kosloski Junior

CTG: UM LOCAL QUE ROMPE FRONTEIRAS

173

João Batista Lopes da Silva
Emerson Rodrigo Coletto
José Tarcísio Grunennvaldt

SOBRE OS AUTORES

195

PREFÁCIO

À publicação deste *pout pourri* de textos sobre o lazer, parece que o Professor José Tarcísio Grunennvaldt e seus parceiros de publicação querem chamar a atenção para um tema que há muito vem sendo investigado no arrimo da sociologia, especialmente a francesa, mas sem despegar-se da ideia primeva que o entretenimento — o lazer dos tempos modernos — tem seu refrão no trabalho. Não é qualquer trabalho, mas aquele de narrativa judaico-cristã, para quem, depois de muita labuta, merece um "refresco" por ter cumprido a sua ascese prometida.

Depois de detida leitura desta coletânea é possível perceber uma novidade, do grego *anékdota* — coisa não publicada — para quem os próprios autores acatam como uma "sociabilidade de fronteira". Eu preferiria socialização. Traduzindo o termo, eles vivem o seu tempo livre e suas relações com o lazer, escorados por uma "suspensão", ocupando um "lugar vazio", livre de qualquer modelo modernista. Nunca é tarde lembrar que o tema Lazer, a que temos nos ocupados com nossas disciplinas acadêmicas, tem seu nascedouro na modernidade, e seu maior intelectual é Joffre Dumazedier, que ousou uma taxionomia dos interesses subjetivos para o assunto.

Por novidade, os autores também recusam esse "alcorão" dumazediano e vão beber em outras fontes epistemológicas não tão surradas na academia investigativa. Os diversos estudos que compõem esta coletânea, como o próprio José Tarcísio Grunennvaldt vivifica, estão balizados por referenciais teóricos que se aproximam das ciências humanas e sociais, à luz dos conceitos de lazer e esporte de Norbert Elias & Eric Dunning; do conceito de cultura de Renato Ortiz e da linguagem corporal da dança de Mônica Dantas.

Em alguns dos trabalhos de pesquisa que constituem o projeto maior, os autores lançam-se ao desafio de analisar a realidade de sujeitos envolvidos em situações concretas e específicas quando configuram práticas de lazer a partir da realidade empírica.

No leito de rio que os textos se aninham é muito perspicaz a vida lúdica dalguma prática cultural de lazer vivifica com o Baile do Chopp, o Gatebal, o final de semana das mulheres, o dançar para viver melhor, o conceito de querência que rompe fronteiras num CTG...

Pode-se perceber, embora isso não seja um consenso, como afirmam os autores, que as regras que se estabelecem na inter-relação dos sujeitos configuram situações, de modo que os conflitos são encarados, superados no contato face a face, instituindo-se normas formadoras de "um padrão de civilização horizontal". Essa imagem faz lembrar a música "Quadrilha" de

Chico Buarque e Francis Hime em que o “peão laça a filha do coronel e a mulher do prefeito merecidamente eleito dança com o líder da oposição”.

Levando em conta essas considerações, suspeitamos que os autores prestam um serviço de qualidade à academia investigativa ao reunir neste livro textos que convergem para a temática um novo *design* do lazer. Dentro de um painel etnográfico, não de etnias, mas de comunidades sulistas, emergem numa geografia de centro-oeste, aquilo que poderiam viver em qualquer outro lugar. Talvez esteja aí a razão para o apreço à expressão “sociologia de fronteira” que o termo impõe a si mesmo uma antropologia cultural do lazer, ligada às suas manifestações estéticas, com justa razão que faz para manter suas raízes.

Basta que apareça uma “costela”, uma “picanha” ou um “frango assado”, que se vê ali evidências de uma “gastronomia campeira”. Por si só esses eventos são capazes de mobilizar a comunidade e de fazer “matar o tempo da vida social” como prefere a sociologia compreensiva do francês Michel Maffesoli, quando este se refere ao tempo ocioso na vida humana.

Salvo outros juízos, o leitor encontrará, seguindo o fio de Ariadne, um imagem impressionante que revela a facilidade e os conflitos, sem se afastar da riqueza com que esses sujeitos têm para exibir a sua dimensão lúdica.

Quando estava terminando o meu relatório de pós-doutoramento, uma pergunta me assombrou nos últimos parágrafos, a de que as atividades que constituem o lazer são sempre carregadas de pré-juízos em detrimento ao tempo de trabalho? Quando muito se espera uma aposentadoria para viver esse *dolce far niente*.

O lazer, que está sempre no campo da utopia, do distante, com a leitura desses textos ganha uma nova configuração – o uso do lúdico pelos sujeitos do município de Sinop faz-nos pensar em outras “fronteiras”, no exercício de seu ludismo, assim como esse trabalho anuncia, através desses sujeitos brincando nessas fronteiras sinopenses.

Professor Doutor Cleomar Ferreira Gomes

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de textos é fruto da investigação desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, inserido na linha de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade, e foca o esporte e o lazer no município de Sinop, situado na região Norte de Mato Grosso. A pesquisa tem relação e pretende contribuir com o levantamento sobre o Perfil do Esporte e Lazer de Estados, Distrito Federal e Municípios Brasileiros, conforme a Chamada Pública 01/01/2009/ME/SNDEL/REDE CEDES/PELC. Teve como objetivo levantar as condições da infraestrutura física da cidade e do campo do município, no tocante ao esporte e lazer, bem como captar junto aos sujeitos as representações sociais dos envolvidos com o fenômeno.

Neste conjunto de textos, os sujeitos investigados vivem o seu tempo livre e suas relações com o lazer dando vazão a uma sociabilidade de fronteira. Com isso, abre espaço para quem vive na fronteira, por vezes em suspensão e em um espaço vazio. São descritas passagens nas quais a novidade e a necessidade do imprevisto “[subvertem] todos os planos e previsões; [induzem] à criação e ao oportunismo, como quando o desespero nos leva a recorrer ansiosamente a tudo o que nos pode salvar.” (SANTOS, 2007, p. 348). De sorte que se estabelece um diálogo dos migrantes com a tradição e desta alquimia que resultou a tradição imaginada se converta no que se precisa, ainda que na fronteira aquilo que é necessário talvez já esteja determinado por o que se tem à mão.

As formas de sociabilidade não corriqueiras, que aqui se procura enfatizar nas situações de lazer experimentadas nessa fronteira, evidenciam que viver nesse lugar exige “jogo de cintura”, pois significa inventar tudo, incluindo o ato de inventar. Tenta-se demonstrar nos casos retratados que as reservas de experiência e de memória que um sujeito ou grupo social carrega consigo para a situação da fronteira são transformadas em face das necessidades de estabelecimento de um contexto novo. No entanto, é possível que, devido à força com que as instituições assumem, a função de socialização, a liberdade de transformação presente, de maneira incondicional, nas primeiras experiências limita a liberdade de transformação em experiências futuras.

Com os grupos de lazer destacados as hierarquias constituídas ainda são quase imperceptíveis, fracas, e se movem em um tempo lento, pois dependem de poucos recursos, devido à grande distância entre a fronteira e o centro - entenda-se aqui o centro do poder, do direito e do conhecimento. A esse

respeito, talvez seja razoável pensar que essa distância pode ter contribuído para o afloramento da inovação cultural.

Os diversos estudos que compõem esta coletânea estão balizados por referenciais teóricos que se aproximam das ciências humanas e sociais. Em alguns dos trabalhos de pesquisa que constituem o projeto maior, os autores lançam-se ao desafio de analisar a realidade de sujeitos envolvidos em situações concretas e específicas configuram práticas de lazer a partir da realidade empírica, à luz dos conceitos de lazer e esporte de Norbert Elias e Eric Dunning; do conceito de cultura de Renato Ortiz e da linguagem corporal da dança de Mônica Dantas.

Na percepção de Elias, o lazer e o esporte são elementos configuradores da sociedade. Com efeito, nesta pesquisa cujos estudos dão visibilidade para manifestações mais específicas, sustenta-se que tais conceitos concorrem para a configuração do processo civilizador de Sinop-MT.

Apropriando as contribuições desse autor quanto às noções de lazer e tempo livre, espera-se poder estabelecer um diálogo - e, conseqüentemente, uma interpretação- simples entre os dados da pesquisa.

Também, assumindo a teoria do processo civilizador desse mesmo estudioso, apreendem-se da realidade pesquisada categorias de análise e interpretação, tais como: cultura-natureza; trabalho-lazer; seriedade-não seriedade; semana-final de semana; competição-cooperação; satisfação pessoal-satisfação do outro; indivíduo-sociedade.

Procurando ampliar as análises da realidade, busca-se a interlocução com pesquisadores de outras universidades dos quais se possam incorporar objetos de estudo com vistas a dilatar a base empírica da pesquisa e as concepções teórico-metodológicas a elas subjacentes.

Os pesquisadores concentram-se, certamente por opção, nas manifestações e práticas que não têm relação direta com o poder público municipal, mas as circunstâncias do contexto no qual se desenvolvem as políticas públicas do lazer são determinantes para o desencadeamento dessa configuração - e não de outra - com a confluência dos temas da pesquisa.

Nesse sentido, em algumas das práticas culturais de lazer analisadas, como o Baile do Chopp, o gatabal, o final de semana das mulheres, pode-se perceber (embora isso não seja um consenso) que as regras se estabelecem na inter-relação dos sujeitos que configuram as situações, de modo que os conflitos são encarados, superados no contato face a face, instituindo-se normas formadoras de "um padrão de civilização horizontal".

Espera-se com este estudo propiciar o entendimento de algumas manifestações de esporte e lazer como aspectos integrantes de um imenso campo de análise da sociedade de Sinop-MT, pretendendo-se fugir das compartimentalizações a que procedem especialistas do esporte.

Acredita-se que a pesquisa é, ao mesmo tempo, um desafio e um convite ao estímulo de uma reflexão com mais afinco sobre dois dos fenômenos essenciais e que mais marcam as vidas das pessoas, tendo em vista a capacidade de, no seu envolvimento, liberarem emoções agradáveis: o lazer e o esporte.

José Tarcísio Grunennwaldt¹

Florianópolis, julho de 2011.

¹ Professor Associado II da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

José Tarcísio Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

O ESPORTE E O LAZER COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL E FENÔMENO SIGNIFICATIVO DOS TEMPOS ATUAIS

Temos fundadas razões para acreditar que é possível uma outra globalização, diferente da atual. Em primeiro lugar, os seus principais fundamentos materiais são sistemas técnicos dóceis, diversos daqueles de épocas anteriores e cuja performance exige inteligência, e toleram diversificação de uso. É fato que, nas condições de hoje, há um uso hegemônico desses sistemas técnicos baseados na informação, mas eles também são adequados compatíveis, como atualmente se diz com formas de utilização que respeitem as peculiaridades de cada sociedade. Falta somente que os dados materiais já existentes sejam empolgados por novas formas políticas. (SANTOS, 2001a, p. 14).

O campo do esporte e do lazer é emblemático, pois abriga propostas e entendimentos conflitantes que procuram se legitimar por meio de programas de atividades corporais. Existe, já há algum tempo, um debate sobre a questão da utilização do esporte nas diversas instâncias da sociedade brasileira, discussão que, por vezes, se torna polêmica, mas é considerável.

Nesta pesquisa, entende-se ser difícil afirmar que a intervenção na área do esporte e do lazer orienta-se por um consenso. Este, por sua vez, não ocorre quando a atribuição dos valores e dos sentidos é majoritariamente orientada por preceitos do esporte convencional ou de rendimento, nem quando essa orientação é mais relacionada ao entretenimento com ênfase em sua faceta lúdica.

O desporto é, de modo geral, um fenômeno multifacetado que, em suas condições sociais de construção, apresenta um significado cultural, ideológico, estético, pedagógico e econômico. Disso resultam as razões da crescente atenção voltada para o desporto na sociedade. Com efeito, levantar dados para a verificação das maneiras como o esporte e o lazer são vivenciados e os sentidos atribuídos pelos sujeitos que se envolvem com tais práticas é, certamente, uma iniciativa para se traçar o perfil dos municípios quanto aos usos e às representações do esporte e do lazer no Brasil.

O LAZER NO ESPECTRO DO TEMPO LIVRE: A CONTRIBUIÇÃO DE ELIAS E DUNNING

Lazer (português), *loisir* (francês) e *leisure* (inglês), palavras originárias do latim, *licere*, cuja tradução é ser permitido, poder, ter o direito.

No *Dicionário Aurélio* (1989, p. 308), classifica-se como substantivo masculino, sendo-lhe atribuídas as seguintes significações: 1. Ócio, descanso, folga, vagar; 2. Tempo que se pode livremente dispor uma vez cumpridos os afazeres habituais; 3. Atividade praticada nesse tempo, divertimento, entretenimento, distração, recreio.

Na segunda e terceira definições, faz-se referência ao tempo disponível. Este, porém, é condicionado a outro, que vem antes dele. Trata-se do tempo do trabalho, que, desse modo, causa um efeito, o tempo disponível.

No entanto, Gomes e Pinto (2009) admitem que as palavras adquirem significados diferentes de acordo com os distintos contextos nos quais são empregadas. Portanto, elas guardam relação com as atividades culturais vivenciadas em um tempo-espaço determinado, configurando uma atitude experimentada por sujeitos tingida pelo sentimento de liberdade na busca da satisfação e do desfrute da situação vivida. Essa concepção parece-nos bastante razoável quando se pretende instituir políticas públicas de lazer em iniciativas individuais ou em organizações coletivas, pois nela é possível o sujeito ser o protagonista ou agente de sua ação ou envolvimento.

Com efeito, pode-se afirmar que as atividades humanas estão relacionadas ao trabalho e ao lazer, mas, em certos aspectos, praticamente todas elas têm outros indivíduos como referência e algumas possuem como o quadro de referência o próprio sujeito, o agente.

Para Elias e Dunning (1992, p. 140), no caso do trabalho e na relação entre o próprio sujeito e os outros, estes são os favorecidos; já no caso das atividades de lazer, esse favorecimento inclina-se para o agente:

[...] no trabalho profissional tal como ele está estruturado nas sociedades, as decisões das pessoas no sentido de fazerem isto ou aquilo são sempre tomadas, em grande medida, tendo em consideração outros de quem se possa dizer 'eles', ou mesmo, a respeito de unidades mais impessoais, das quais se possa dizer 'esse', embora, na verdade, o aspecto "eu" nunca se encontre ausente por completo. Nas decisões sobre atividades de lazer como veremos, as referências aos outros são mais relevantes do que pode parecer a primeira vista, a consideração por si próprio pode ter mais peso do que a que terá no caso do trabalho profissional ou das atividades de tempo livre que não possuem o caráter de lazer.

Os autores destacam que, ao fazer as próprias escolhas quanto às atividades de lazer, o sujeito é o agente, pois o que lhe importa é o seu prazer, sua satisfação pessoal. Todavia, parece-nos que os estudiosos também seguem a linha percorrida por Freud (1997), em *Mal estar da civilização*¹, quando entendem que a consideração do prazer e da satisfação desencadeada “[...] pode ser soberana dentro de certos limites socialmente estabelecidos.” (p. 140).

Nesse aspecto, por mais que Elias e Dunning atribuam às atividades de lazer um papel fundamental na amenização do sofrimento das pessoas em face da rotina cotidiana, sua teoria da renovação de tensões está, em parte, presa ao paradoxo da modernidade: os indivíduos tornam-se mais felizes (felicidade) e precisam de intensos momentos de prazer, mas a civilização, devido às necessidades econômicas, coíbe o prazer, principalmente o que advém do âmbito da sexualidade.

Os autores ponderam que os tipos de satisfação proporcionados pelas atividades de lazer e o modo como estas se desencadeiam ainda são questões carentes de esclarecimentos.

Pode-se pensar, e parece haver evidências comprobatórias - que a história é mais marcada pela continuidade, pelas regularidades do que pelas mudanças rápidas. Contudo, tanto em Freud quanto em Elias e Dunning, percebe-se que o sujeito tem prazer a partir dos contrastes. Vejamos como isso aparece no já mencionado *Mal estar da civilização*:

Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (p. 24).

Elias e Dunning não só se apropriam da tese de Freud, mas também a aperfeiçoam, como observado nesta passagem:

De uma maneira simples ou complexa, a um nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação de tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. (p. 137-138).

1 Ainda que Elias e Dunning considerem que a produção de tensões de um tipo particular, a tensão-excitação agradável, como a peça fundamental para a satisfação no lazer, eles parecem não discordar de Freud quanto ao entendimento de que “[...] a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para os seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade.” (p. 59).

Na teoria do tempo livre e do lazer dessa dupla de teóricos, há uma amenização do complexo de sentimento de culpa que marca o texto de Freud. Este, no final da obra em questão, pede desculpas ao leitor pela inevitável e imperativa necessidade de destinar, em sua análise, um espaço alargado à questão da culpa e antecipa que, em termos de fluidez na leitura, isso pode ter atrapalhado a estrutura do trabalho, mas, por outro lado,

[...] corresponde fielmente a minha intenção de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa. (p. 97).

É sobretudo nessa discussão mais panorâmica, sobre o fato de a sociedade moderna e industrial reprimir os instintos e os impulsos de felicidade e de vivência de tensões agradáveis, que a teoria de Elias e Dunning parece contrapor-se às ideias de Freud. Ao pai da Psicanálise, sem se pretender aqui desmerecer seus méritos, parece ser imputado, em certo sentido, o surgimento de uma tendência que percebe o lazer como acessório do trabalho²: “A satisfação agradável proporcionada pelas atividades de lazer, tende a ser considerada como um meio para atingir um determinado fim - o de permitir o alívio das tensões e de melhorar as capacidades das pessoas para ele.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 140).

Em face dessas apreciações, fica difícil responder sobre qual é a função do lazer em relação ao trabalho. No entanto, é razoável pensarmos o fato de que, em uma sociedade de trabalho, o lazer é a única esfera pública na qual as decisões individuais são tomadas considerando-se a satisfação pessoal. Isso já é uma boa evidência de serem mínimas as chances de a questão permanecer sem resposta.

Com a teoria do lazer de Elias e Dunning, pretende-se superar a ideologia que percebe ser a principal função das atividades de lazer relaxar o indivíduo acometido pelas tensões advindas das relações estabelecidas no mundo do trabalho.

Assim, tendo em vista nossa opção por adotar essa concepção de lazer, duas questões nortearam nossa pesquisa: 1) É possível que, na sociedade industrial contemporânea, as pessoas, na sua relação de interdependência umas com as outras, busquem nas atividades de lazer um lugar de produção de tensão de um tipo especial, agradável, excitante?; e 2) No âmbito das atividades de lazer, como bailar, praticar um esporte, pescar, participar das brincadeiras de crianças, jogar gatebal etc., estas podem contribuir para a

² Gomes *et. al* (2009, p. 97) destacam que, no Brasil, essa dicotomia entre trabalho e lazer foi difundida a partir das obras de Dumazedier, que “[...] define o lazer em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho profissional.”

erupção de sentimentos fortes, que, coibidos no dia a dia, podem constituir-se em um ingrediente essencial da saúde mental?

Essas questões são relevantes, pois, em nossa sociedade - e, muito provavelmente, em outras também -, é necessária a motivação de fortes emoções, que, por vezes, aparecem, são satisfeitas e desaparecem, manifestando-se somente algum tempo depois. Por certo, essas necessidades devem ter relação com outras, mais elementares e básicas, como sentir fome e sede e fazer sexo.

Essa necessidade humana, a “erupção de sentimentos fortes”, eleva-se como uma “segunda natureza”, que, por sua vez, envolve necessidades de ordem sociocultural. Isso nos conduz para o fato de tais necessidades representarem a expressão de um fenômeno bastante complexo que transcende as necessidades puramente biológicas do indivíduo.

Dessa forma, a relação do esporte com o lazer é algo que não pode ser generalizado, devendo ser analisada na perspectiva de sujeitos em “relação com”, portanto impregnada dos signos que os idosos (a), homens, mulheres, jovens e crianças, em épocas e contextos culturais diferentes, lhe atribuem.

Sendo cultura, o lazer é, pois, produto humano construído por meio de processos que se constituem a partir dos valores, saberes, motivações e desejos de cada sujeito, influenciados pelos sentidos e significados que os mesmos atribuem as suas experiências. Processos localizados, uma vez que cada construção cultural depende do contexto social onde se realiza, do cotidiano onde os sujeitos criam as técnicas corporais próprias de sua cultura e seus modos específicos de lidar com os limites de tempo, lugar, infraestrutura, condições econômicas e outras dimensões que condicionam suas realizações no lazer. (RAMALHO, 2009 *apud* GOMES; PINTO, 2009, p. 98).

Nesse sentido, ao se aproximar do entendimento de lazer como cultura, deve-se atentar para as múltiplas acepções que o termo assume nas experiências dos sujeitos que lhe atribuem sentido.

A cultura ganhou centralidade na contemporaneidade com suas transformações na vida local e cotidiana, de modo que novas identidades e subjetividades surgiram, embora com temporalidades diferentes para contextos geográficos e geracionais distintos.

Hall (2010) chama atenção para o modo de vida das pessoas que foi afetado e para as transformações ocorridas nas culturas da vida cotidiana:

[...] o declínio do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços e outros tipos de ocupação, com seus diversos estilos de vida,

motivações, ciclos vitais, ritmos, riscos e recompensas; o aumento dos períodos de folga e o relativo vazio do chamado “lazer”; o declínio das perspectivas de “carreira” e dos empregos vitalícios dando lugar ao que tem sido chamado de “flexibilidade no emprego”, mas que, freqüentemente, constitui uma questão de desemprego não planejado; as mudanças no tamanho das famílias, nos padrões de diferenças de geração, de responsabilidade e autoridade dos pais; o declínio do casamento numa época de incremento do divórcio, o aumento de famílias uniparentais e a diversificação de arranjos familiares; o envelhecimento da população, com seus dilemas acerca de uma terceira idade mais longa sem a ajuda do cônjuge, sustentada por generosos programas nacionais de seguros, sistemas públicos de saúde e outros sistemas de benefícios estatais; a redução das tradicionais idas à igreja e da autoridade dos padrões morais e sociais tradicionais e das sanções sobre as condutas dos jovens; os conflitos de gerações em consequência da divergência entre jovens e adultos, entre o declínio da ética puritana, de um lado e o crescimento de uma ética consumista hedonista, de outro.

Fica claro que tais transformações na estrutura social da sociedade industrial contemporânea, resultantes da ascensão da globalização no mundo inteiro, concorreram para a modificação das culturas da vida cotidiana, ainda que alguns lugares só tenham conseguido responder ou reagir à nova ordem com velocidades distintas, como ressaltava Santos (11 mar. 2001b):

Não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade - ou uma forma de regresso ao passado -, mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias a cada povo, a cada região, a cada lugar, permitam a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz.

Tais mudanças, por certo, também não atingiram lugares e sujeitos com uma intensidade homogênea, pois estão atreladas não só a situações de classe, mas também a situações de classe e geográficas, mas não exclusivamente de classe: “O executivo de classe média, de meia-idade, que perdeu a ‘perspectiva de carreira’ é cada vez mais um fenômeno de nossos tempos - mesmo que esteja atingindo níveis mais altos de remuneração.” (HALL, 2010). Do mesmo modo, atingiu também as mulheres, que, apesar de terem maior capacidade de sobrevivência, apresentam índices menores de remuneração quando comparados aos dos homens.

Nesse contexto, perguntamos: como essas mudanças na orientação de condutas e ajustamentos de comportamentos incidiram sobre os velhos em nossa sociedade? Bauman, em entrevista concedida ao jornal *O globo*,

em 05 de novembro de 2005, e em uma de suas obras, *Vidas desperdiçadas*, publicada em 2005, reporta-se aos imigrantes e aos velhos da história como casos de “marginalização dos seres humanos”.

Sobre essa gente cujas condições de vida configuram uma “lixeria humana”, o autor avalia:

Esse excesso de população precisa ser ajudado a retornar ao convívio social assim que possível. Eles são o “exército reserva de mão-de-obra” e lhes deve ser permitido que voltem à ativa na primeira oportunidade. Os “redundantes” são obrigados a conviver com o resto da sociedade, o que é legitimado pela capacidade de trabalho e consumo. Em vez de permanecer, como era visto anteriormente, como um problema de uma parte separada da população, a designação de “lixo” torna-se a perspectiva potencial de todos. Há partes do mundo que se confrontam com o antes desconhecido fenômeno da “população sobrando”.

Não se pretende aqui negar que o estilo de vida das pessoas foi afetado com as transformações ocorridas nas culturas da vida cotidiana. Como exemplo, citamos o investimento na criação de linhas de cosméticos para afro-descendentes e a universalização da capoeira, também pertencente à cultura desse povo.

Contudo, apesar desses avanços, é na população de negros que ainda incide o maior índice de desempregados, se comparado aos dos brancos. Ademais, se olharmos para os cursos mais requisitados das universidades brasileiras, veremos que a incidência desse segmento populacional permanece reduzida. Disso se pode inferir que grande parte dos negros está se sentindo vítima e não gestora dessa propagada “mudança cultural”.

Quais iniciativas podem ser esperadas do poder público na perspectiva de esse contingente de “excessivos” e “redundantes” (desempregados, migrantes de retorno, velhos, mulheres, negros, ou melhor, os excluídos da cidade) ser incorporado em programas e/ou espaços de lazer nas cidades?

Em contextos que se fazem pela configuração que envolve a cultura, o trabalho e o lazer que não podem ser conceituados *a priori* e de modo unívoco, diferentes planos podem ser traçados sobre a cidade para torná-la mais acessível às populações que são capazes de atribuir significações singularizadas no seu envolvimento com o lazer na cidade e no campo e propiciar sentido em suas vidas.

Em *Elogio da lentidão*, Santos (2001), há pouco referenciado, instiga-nos quanto ao fato de não podermos imprimir a nossa própria velocidade em nossas atitudes e intenções, mas reconhece ser esse um elemento “[...] apreciável, mas não imprescindível. Não é certo que haja um imperativo técnico, o imperativo é político. A velocidade utilizada é um dado da política, e não da técnica”.

Nas palavras do autor,

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história. (p.14).

OS PLANOS DA CIDADE PROPICIADORES DE MANIFESTAÇÕES DE ESPORTE E DE LAZER

Voltando o olhar para as áreas urbanas e rurais do município de Sinop-MT, indagamos: quais parâmetros podem ser utilizados na descrição da paisagem da prática do esporte e do lazer? Questão instigante é sugerida por Bento (1992), que discorre sobre a necessidade de se redescobrir a cidade a partir do lema “desporto para todos” e torná-la esportiva e humanizada.

Levemos em conta, em primeiro lugar, que a cidade não pode ser pensada apenas no conglomerado de pessoas que a habitam e sim no envolvimento delas no âmbito da educação, da saúde e da cultura de modo geral, bem como na forma como se relacionam com a dimensão tempo livre, implica que se olhe para o desporto e o lazer.

Em segundo lugar, devemos, ao olhar para esporte e o lazer da população, no sentido amplo, suplantar a visão estreita dos espaços desportivos como lugares de performances, passíveis de serem quantificadas por parâmetros objetivos. O esporte, quer na cidade quer no campo, não pode ser oferecido e praticado, mas apenas orientado segundo as formas da arquitetura das instalações tradicionais. Estas devem ser alteradas em razão dos interesses e necessidades dos praticantes e das múltiplas funções que o esporte pode assumir, configurando-se em uma prática de lazer, também.

Sem deixar de levar em conta essa diversidade, pode-se conceber a cidade a partir de três planos (BENTO, 1992), o que corresponderia às exigências da vida motora moderna dos sujeitos que a constroem. Para a nossa pesquisa, esse plano certamente foi um desafio.

Vejamos, então, as especificidades de cada um deles:

O plano dos espaços informais, propensos e convidativos à satisfação das necessidades motoras diárias, à realização da movimentação pessoal, antropologicamente necessária, mas tão reprimida no cotidiano cidadão.

O plano dos espaços formais para práticas desportivas regulamentadas, para aquisição e desenvolvimento do repertório motor cultural e socialmente referenciado.

O plano de espetáculo desportivo, de apresentação e fruição do expoente cultural do desporto. (BENTO, 1992, p. 116-117).

Ao apresentar essa tipologia, o autor destaca que as instituições devem atentar para duas implicações: 1) cada cidadão tem o direito de usufruir uma prática esportiva orientada e responsabilizada, não sendo suficiente a criação de espaços para esse fim; há que se ter políticas públicas de esporte e lazer que suplantem o tempo de vigência da política partidária municipal e, sendo assim, garantam a qualidade e a continuidade das ações implementadas; 2) sendo o esporte e o lazer uma produção cultural, sua prática está associada a maiores exigências de qualidade tecnológica e de configuração estética e arquitetônica dos espaços próprios para essa finalidade.

Sendo assim, o estudioso procura superar o miserabilismo que o esporte unidimensional sugere e que será posto cada vez mais em xeque, acrescentando esta reflexão:

Os diferentes espaços desportivos devem distinguir-se uns dos outros pelas funções a que se destinam e não pela sua maior ou menor qualidade. Ou seja, o desporto[lazer] do futuro será cada vez mais plural nos sentidos, motivos, finalidades e modelo, mas não poderá ser plural nos níveis da sua qualidade. (p. 120).

Esse entendimento, por certo, deve passar pela concepção de cidade, e, nesse aspecto, o panorama que se delinea não é muito promissor. Marcellino *et al.* (2008) constatam que a grande maioria das nossas cidades não dispõe de um número razoável de equipamentos de lazer para atender à população e que, quando os tem, muitos são mantidos pela iniciativa privada. É o que ocorre, por exemplo, com teatros e cinemas que estão sendo fechados para dar lugar a empreendimentos mais lucrativos.

Com efeito, há nas cidades uma crescente privatização dos espaços de convivência social em favor da edificação de outros, que servirão aos grupos sociais mais privilegiados economicamente.

Sobre a “redução” do uso multifuncional do espaço público, o autor corrobora a visão de Rolnik (2000), de acordo com quem esse espaço deixa de ser um local de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo para as cidades

poderem incorporar e façam valer, além da função de circulação, as de lazer, moradia e trabalho, todas elas atribuídas pelo urbanismo moderno às áreas urbanas.

Para atingir tal plano de funcionalidade por inteiro, deve-se

[...] implementar uma política de investimento muito clara na retomada da qualidade do espaço da cidade, na retomada da sua multifuncionalidade e beleza, na retomada da idéia de uma cidade que conecte usos, funções e pessoas diferentes, em segurança. Esse modelo não só é urgente para quem defende uma posição mais democrática de utilização do espaço público, de vida pública, mas também porque é mais sustentável. (ROLNIK, 2000 *apud* MARCELLINO *et al.*, 2008, p. 141).

Pensando assim, acredita-se que as potencialidades do esporte e do lazer não estão esgotadas, pois ainda falta a ambos serem estendidos a um número maior de pessoas; falta-lhes cumprir-se por inteiro, para além do seu imperativo econômico e político: sua virtude cultural, moral, ética e, acima de tudo, humana. Afinal, sonhos e realidade podem estabelecer fronteiras mais tênues do que aquelas que geralmente lhes são impostas.

A APREENSÃO DOS DADOS EMPÍRICOS DOS SUJEITOS E DAS REALIDADES OBSERVADAS

A metodologia da investigação, no seu processo de desenvolvimento e construção, sinalizou que seriam necessários levantamentos de materiais e informações em três etapas:

1ª etapa: mapeamento dos locais da pesquisa

O trabalho investigativo iniciou-se com o mapeamento, na cidade e no campo, dos espaços físicos destinados às práticas desportivas e de lazer. Com relação à localização dessas áreas, alguns participantes com residência fixa há alguns anos na cidade resgataram da memória elementos significativos para o levantamento.

No entanto, precisávamos de informações que tivessem relação com o poder público municipal. Nesse sentido, dirigimo-nos à Secretaria Municipal de Esportes e Lazer para saber dos locais utilizados pela Prefeitura Municipal para a execução de seus projetos e programas envolvendo práticas corporais, esportivas e de lazer.

O passo seguinte foi a realização de uma entrevista com o Chefe do Departamento Técnico do órgão, de quem recebemos as coordenadas sobre os locais de realização das práticas esportivas dos programas de esporte para a juventude, com a função de orientar e, no segundo momento, fiscalizar as atividades da prefeitura, proporcionar atividades nas escolinhas e verificar a média de alcance das equipes, para que o trabalho seja o mais zeloso possível.

2ª etapa: questionário aberto aplicado aos envolvidos com o fenômeno investigado

O questionário constou de uma apresentação inicial da intenção da pesquisa e visava levantar as condições da infraestrutura física das áreas urbana e rural do município de Sinop-MT, os locais e instalações destinadas a práticas esportivas e de lazer e os motivos que levam a população a se envolver com essas práticas.

Ao ser aplicado a um número considerável da população investigada, tal instrumento de coleta de dados, que nos permitiu apreender dos sujeitos os dados referentes ao seu envolvimento com as práticas do esporte e do lazer, garantiu a espontaneidade dos informantes e, ao mesmo tempo, o esclarecimento de possíveis dúvidas quanto às questões levantadas.

A opção pelas perguntas abertas abre espaço para o diálogo, pois não constroem os informantes a expressar suas percepções em alternativas preestabelecidas.

Foram aplicados aproximadamente 400 questionários a crianças, jovens, adultos e idosos. Como a pesquisa se circunscreve no âmbito da realidade urbana e rural de Sinop, vários foram os lugares dessa aplicação, quais sejam: 1) na cidade, em escolas públicas de educação básica e em universidades; no Centro de Convivência de Idosos; nas Academias Populares Ar Livre; no Ginásio Olímpico José Carlos Pazza; e na Polícia Militar; 2) no campo: 25 questionários foram destinados aos moradores da Gleba Mercedes e 18, aos moradores da Comunidade Brígida.

Ao todo foram dezenove questões, que requeriam dos sujeitos informações sobre a idade, o sexo, a renda, a religião, a procedência, a relação entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, a(s) companhia(s) com a(s) qual(is) passam o tempo livre, a ocupação do tempo livre, as práticas culturais do tempo livre, os esportes que praticam, os lugares que frequentam no tempo livre, os motivos que os levam a praticar esporte, em qual horário realizam a prática esportiva.

3) os grupos focais

O instrumento de coleta de dados utilizado na segunda etapa foi o grupo focal, que pode ser definido como “[...] técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.” (MORGAN, 1997 *apud* GODIM, 2004).

Na opinião de Barbour (2009), “Qualquer discussão de grupo pode ser chamado de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo.” Nessa definição fica evidente o papel do pesquisador como interlocutor ao estimular as interações entre os configuradores do grupo.

Decidimos adotar esse conceito por ser mais adequado para instigar os sujeitos a se manifestar, tendo eles apontado no questionário sua identificação com uma prática específica de esporte e de lazer. Logo, tiveram a oportunidade de narrar as trajetórias do seu envolvimento tais práticas. De nossa parte, pudemos captar as expectativas, as alegrias, o modo como se preparam para a vivência do seu tempo livre.

Organizamos encontros com seis grupos focais, tendo sido geradas informações especialmente para a escrita de artigos que fazem parte desta coletânea. Os encontros com os integrantes dos grupos foram realizados nos dias em que eles encontravam-se envolvidos com alguma ação coletiva na comunidade ou estavam no clube de jogo.

Os locais das reuniões foram a Gleba Mercedes de Sinop, distante 75 km de Sinop; a Comunidade Brígida, a 9 km da cidade; o Clube de Gatebal, situado na Avenida dos Jatobás, no Bairro Jardim Celeste do município; Centro de Tradições Gaúchas no perímetro urbano; no Complexo Esportivo de Futebol Schneider; e a Comunidade de Pescadores.

REFERÊNCIAS

- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, S. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.
- BAUMAN, S. [Entrevista]. O lixo da globalização. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 5 nov. 2005. Entrevista exclusiva concedida a Gustavo Pinheiro, em 05 de novembro de 2005.
- BENTO, J. Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”. A cidade esportiva. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Ed.). **A ciência do desporto - a cultura do homem**. Porto: Universidade do Porto, 1992.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela

Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ªed.(revista e ampliada), 1989.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

_____. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. **Revista Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 21, p. 63-77, maio/ago. 2004.

GOMES, C.; OSÓRIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. **Lazer na América Latina**/Tempo livre, ócio y recreación em Latinoamérica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://WWW.ufrgs.br/neccso>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA F. S.; MARIANO, S. H. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

SANTOS, M. O novo século das luzes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2001a. Caderno Mais Brasil 501 dC!, p.14.

_____. Elogio da lentidão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2001b. Caderno Mais Brasil 501 dC, p.14-15.

dança como um elemento essencial à satisfação pessoal. Além disso, buscam atividades que os façam sentirem-se úteis e lhes permitam aperfeiçoar habilidades, realizar sonhos, liberar sentimentos, enfim, elevar a autoestima. Nessa perspectiva, a dança promove laços de amizade e de afetividade entre os membros do grupo, espantando a dor da angústia e a depressão resultante do próprio processo de envelhecer.

Sendo assim, percebemos que, para esses anciãos, a dança é muito mais que uma atividade física oferecendo-lhes o que há de melhor em termos de sentimentos de um prazer “controlado”, mas que traz todo um sentido para a vida das pessoas que procuram na dança uma forma de fugir da solidão.

REFERÊNCIAS

DE DECCA, E. Fazendo história. In: **Coletânea do V Encontro Nacional de História do Esporte**, Lazer e Educação Física. Maceió: Ufal, 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C.; (orgs). **O controle das emoções**. João Pessoa: UFPB, 2009.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 6. ed. São Paulo: R. Janeiro, 1996.

LUDKE, M.; MARLI, A. **Pesquisa Social em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Cortez. 1986.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

SPINK, M.J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESKI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representação social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GATEBAL: “JOGANDO VOU ENTENDENDO E ENGRENANDO E ASSIM É GOSTOSO, CATIVA E SEDUZ”¹

José Tarcísio Grunennvaldt

Wladislaw Kosloski

Emerson Rodrigo Coletto

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

INTRODUÇÃO

Neste texto, fruto da pesquisa realizada na Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT, apresentamos o *gatebal*, uma atividade de raízes étnico-culturais desenvolvida majoritariamente por sujeitos de descendência japonesa e que se encontram na casa da terceira idade.

Definimos quatro objetivos para a investigação: 1) verificar como a sociabilidade de fronteira possibilita a construção de obrigações horizontais, que se sobrepõem à criação de obrigações verticais, uma vez que envolvem o respeito à subjetividade, tomada como participativa e movida pelo princípio da comunidade; 2) averiguar em que medida o *gatebal* pode contribuir para o fortalecimento da sociabilidade e da mobilidade dos sujeitos, sendo estes elementos que qualificam o lazer; 3) compreender o *gatebal* como um jogo ativo, que propicia aos sujeitos da terceira idade situações agradáveis e convergentes para a melhoria das relações interpessoais, da saúde física e mental; e 4) reconhecer na experiência do *gatebal* da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT, uma modalidade de jogo-esporte em cuja prática se supera o entendimento corrente do esporte que defende a segregação por gênero, concepção essa, de modo em geral, não mais presente em uma sociedade que se pretenda inclusiva.

Em seu livro clássico *A velhice*, Simone de Beauvoir (1990, p. 445) premia o leitor com um capítulo denominado “Tempo, atividade, história”, no qual introduz a discussão do tema com a afirmação de que existir, para a realidade humana, é temporalizar-se, na medida em que,

¹ O título deste texto é a representação de um dos sujeitos da pesquisa sobre o seu envolvimento com o jogo de *gatebal*.

[...] no presente, visamos o futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado, no qual recaem nossas atividades, imobilizadas e carregadas de exigências inertes. A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada.

Com efeito, as consequências das mudanças do temporalizar-se do homem repercutem umas nas outras, gerando situações que variam segundo a história anterior do indivíduo, que delas pode se livrar constantemente.

Na sociedade contemporânea, uma representação corrente dos idosos incorpora três atributos: pessoas cansadas, fadigadas pela vida e aparentemente à espera da morte. Em contrapartida a essa representação, construída a partir do lado de “fora” da velhice, percebe-se que uma quantidade significativa de pessoas da terceira idade tem procurado e encontrado no esporte uma forma de lazer cujas atividades ao mesmo tempo lhes estimulam a saúde física e mental.

Nesse contexto, os idosos entram em contato com outras pessoas e estabelecem entre si laços de sociabilidade, que, ao se estreitarem, abrem-lhes espaços para a imaginação. Envolvidos, pois, em jogos e esportes coletivos, inovam e até quebram paradigmas dominantes no esporte. Nesse sentido, a tolerância desponta como um valor adquirido, o que se verifica, por exemplo, quando admitem o confronto entre homens e mulheres nos eventos esportivos.

Contudo, apesar dessas observações, persistem as análises nas quais se associam a terceira idade e o lazer, como se este fosse decorrência natural daquela, o que parece configurar uma análise mecânica e determinista, além de carente de uma fundamentação teórica mais elaborada e de uma base empírica sólida que possibilite a confirmação do presumido.

No tocante a essa impressão, Marcellino (2006) defende que tal associação não se sustenta, pelo menos, em termos sociais, e faz alusão a pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa, segundo as quais as pessoas da terceira idade, em comparação com as de outras faixas etárias, são as que apresentam o menor índice de frequência a equipamentos de lazer, ou melhor, que participam de atividades desenvolvidas nesse tempo, tido equivocadamente como de “lazer”.

Não se poderia esperar uma constatação melhor que essa, sobretudo no caso de um país, “[...] marcado por profundas desigualdades sociais [e para cuja] grande parte da população [que] tem 60 anos ou mais, envelhecer com saúde, prazer, livre da solidão e com qualidade de vida deve ser um dos principais desafios [...]” (GIASSON; COLETTI; GRUNENVALDT, 2010, p. 1).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2004), 8,9% da população estão na faixa dos 60 anos de idade ou mais.

E a sociedade brasileira parece estar despertando para o fato de que, até 2025, o país será o sexto colocado no *ranking* mundial de população de idosos com mais de 60 anos, o que corresponderá a algo em torno de 32 milhões de pessoas.

Marcellino informa-nos que, no Brasil, uma série de fatores sociais desmente “o conto da aposentadoria”, pois, ao se aposentar, o idoso tem reduzido o seu padrão socioeconômico, implicando a limitação significativa do seu poder de compra de produtos essenciais, nessa fase de involução biológica, à manutenção da saúde e, portanto, refletindo direta e negativamente em sua qualidade de vida. Essas evidências, por certo, indicam que o existir na “realidade humana” dos velhos é comprometida pela limitação das necessidades humanas elementares, desmantelando o tão almejado “paraíso do lazer”, ou seja, a pressuposição (fictícia) de que, na velhice, não existem horários ou obrigações a serem seguidos, podendo-se simplesmente gozar a vida.

Na esteira dessas reflexões, Simone de Beauvoir, há pouco mencionada, confirma a falácia de se pensar que a aposentadoria é o tempo da liberdade e do lazer, do mesmo modo como foram equivocadas as falas de poetas que gabaram “as delícias do porto”. Para ela, essas são “mentiras deslavadas”, acrescentando que a sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável, que a expressão “velho e pobre” constitui-se em um pleonasma:

O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura. O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização. (p. 13).

Apesar da severidade com que trata o tema, a autora dá-nos um alento ao lançar um convite para que sejam concentrados esforços na mudança do “destino” dos mais desafortunados, pois somente ações de sensibilização poderão abalar a sociedade. Nesse sentido, exigir que homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical, que abrangeria desde a exploração dos trabalhadores, passando pela atomização da sociedade até a miséria de uma cultura restrita a um mandarinato conducente dessa desumanização.

Como nos diz Marcellino, no país da juventude, as pessoas começam a envelhecer mais cedo do ponto de vista social, e isso contribui para que o lazer se encerre cada vez mais ao ambiente doméstico. Os velhos, no Brasil, além das dificuldades econômicas, sofrem uma série de preconceitos, uns criados por eles mesmos, tendo em vista os valores de uma formação muito severa no tocante ao envolvimento com atividades do mundo do não trabalho ou da “não seriedade”, e outros oriundos da sociedade, que não deixa por menos: “[...] [os

velhos] passam a ser apontados como transgressores quando tentam quebrar os preconceitos ou o estereótipo do 'velho bem comportado', que 'sabe o seu lugar' - 'olha a assanhada', 'será que ele não se enxerga!', 'ora, ele já teve o seu tempo!' " (p. 48).

Esses exemplos são emblemáticos e foram escolhidos para ilustrar que, em nossa mentalidade mais profunda, associamos a involução biológica do ser humano em idade avançada a uma vida de limitações e reclusão em termos sociais e afetivos. É como se para os velhos não fosse mais permitido vivenciar a "sociabilidade", a "mobilidade" e a "imaginação" que o contato com a coletividade e a relação de interdependência com outros sujeitos propiciam.

Ao que nos parece, as ações de preconceito contra de velhos que "não se enxergam" aumentam quando suas atitudes e comportamentos envolvem algum tipo de afetividade. De fato, os preconceitos se agigantam mesmo é quando eles expressam o desejo de namorar ou de morar novamente com um companheiro.

Sendo assim, pensamos que sobre o amor de um velho só o velho possa opinar. E, a respeito de todo o exposto, talvez possamos dizer que ainda não se tenha assimilado a sábia frase de T. S. Eliot (1969 apud ALVES, 2008, p. 246), que, na plenitude de sua juventude septuagenária, escreveu: "O amor retribuído sempre rejuvenesce."

Como já dissemos, costuma-se associar essa fase da vida a um tempo de lazer, e é exatamente nesse período que os próprios sujeitos pertencentes a essa faixa etária tomam a iniciativa de formar os chamados grupos de terceira idade.

E envolver-se com medidas para a construção de tempos-espacos de sociabilidade pode contribuir para o grupo ser de fato reconhecido como um "grupo de lazer". Quanto a isso, Marcellino é contundente ao considerar que: "No entanto, há riscos também na formação e funcionamento desses grupos, uma vez que podem contribuir para a segregação, ou para a ocupação do tempo com 'papéis artificiais', criados por instituições." (p. 45).

A literatura existente sobre o tema lazer é unânime quanto ao fato de que muito há para ser feito pela terceira idade enquanto segmento social faixa privilegiado para a vivência do lazer. Contudo, é interessante que as iniciativas engendradas com esse fim partam do protagonismo dos idosos, que, lançando mão de suas experiências, organizem grupos de lazer e reivindiquem o acesso aos equipamentos de lazer disponibilizados para outras faixas etárias, contribuindo para a quebra das fronteiras geracionais.

Dessa forma, entende-se que

O lazer dos idosos não pode ficar na dependência de programas assistenciais. É preciso que a terceira idade se integre às demais "idades". Talvez, um bom início, no que diz respeito ao plano cultural, esteja em começar a encarar a vida de modo integrado,

e não como sendo composta de "tempos", ou de "idades" a que as pessoas tenham que se enquadrar. (MARCELLINO, 2006, p. 46).

Em um lugar de fronteira onde o Estado ainda não está totalmente presente, os direitos dos cidadãos vão se configurando e se afirmando de forma que os direitos civis ou individuais se antecipam aos direitos políticos e sociais. Sobre o assunto, Santos (2007) entende que viver e estar em situação de fronteira, haja vista a não fixidez das regras, permite à subjetividade a exploração do potencial emancipatório do lugar, cujas principais características são: 1) a forte presença das tradições dos pioneiros e emigrantes, as quais possuem caráter seletivo e instrumental; 2) a invenção de novas formas de sociabilidade; 3) a fraqueza das hierarquias; 4) a pluralidade de poderes e de ordens jurídicas; 5) a fluidez das relações sociais; 6) a promiscuidade entre estranhos e íntimos; 6) a mistura de heranças e invenções.

Da contribuição do autor sobre as características da fronteira, concentremo-nos nos tópicos 2 e 3. Temos, pois, que, relativamente à invenção de novas formas de sociabilidade,

Viver na fronteira significa ter de inventar tudo, ou quase tudo, incluindo o próprio ato de inventar. Viver na fronteira significa converter o mundo numa questão pessoal, assumir uma espécie de responsabilidade pessoal que cria uma transparência total entre os atos e as suas conseqüências. Na fronteira, vive-se a sensação de estar a participar na criação de um novo mundo. (p. 348).

Quanto à outra característica, a fraqueza das hierarquias, temos que a construção das identidades de fronteira sempre é lenta, precária e difícil, uma vez que o lugar depende de recursos escassos, dada a sua grande distância do centro seja do poder, do direito ou do conhecimento.

Esse fato também contribui para minar a hierarquia, constatação que encontra eco em fatos históricos do período imperial: "Viver na margem do império significava, geralmente, viver onde o poder do Estado central era fraco, onde a atividade econômica estava pouco regulamentada e onde a inovação cultural encontrava poucos obstáculos." (CRONO; MILES; GITLIN, 1992 apud SANTOS, 2007, p. 349).

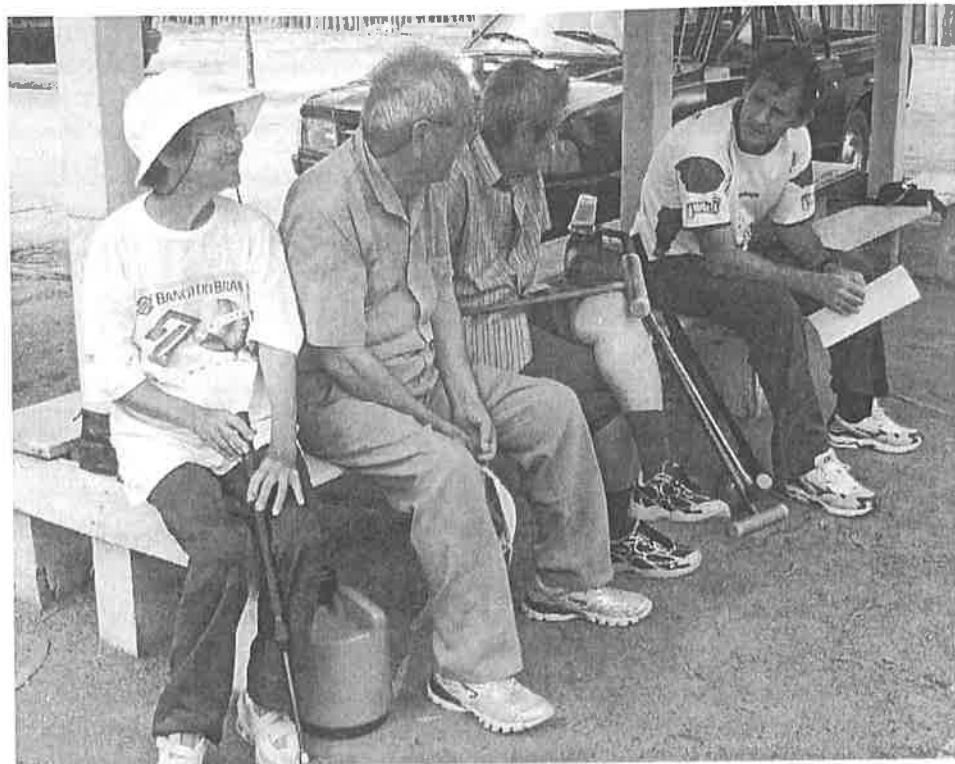
Pode um grupo que se reúne para jogar gatel produz uma sociabilidade mental carregada de subjetividade, tal qual uma sociabilidade de fronteira? As respostas a essa simples pergunta parecem ser igualmente fluidas quando se considera que os componentes desse grupo constroem um espaço não completamente marcado pelo paradigma da regulação.

O que nos interessa aqui, no caso específico do jogo de gatel e seus homens e mulheres, é captar a "fenomenologia geral da vida de fronteira", a plasticidade de seus processos sociais, de sua criação e da inovação

continua dos mapas mentais, não dados à regulação central e constantes da instabilidade, da transitoriedade e da precariedade da vida social na fronteira (SANTOS, 2007).

A SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA DOS NIPO-DESCENDENTES DE SINOP-MT: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O GATEBAL

Imagem 1 – Reunião no Clube de nipo-descendentes de Sinop-MT



Fonte: produção dos autores.

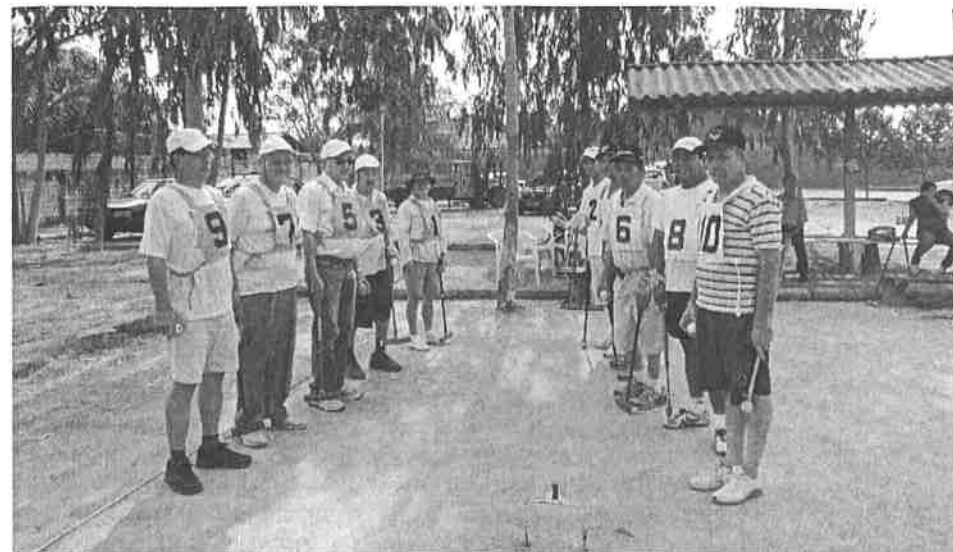
Prazer, alegria e diversão... O gatebal para mim também é uma diversão, pois chegando aqui eu tenho um passatempo de no mínimo duas horas e meia nos dias de sábado e domingo. Depois das três horas sempre fico até mais tarde, tenho um lazer para o fim de semana de mais ou menos quatro horas de brincadeira aqui com o pessoal, e conforme a gente vai jogando, nós vamos conversando e desfrutando desse lazer (Inf. 1, 2010).²

² No texto, a abreviatura "Inf. 1" designa o "Informante 1" e, sucessivamente com os demais sujeitos participantes do Grupo Focal. Na rodada de conversação capturaram-se informações concentradas e detalhadas sobre o envolvimento de vida do grupo com o Gatebal.

Dentre as várias representações assumidas pelo gatebal, destacamos a seguir algumas que definem a visão dos velhos do Clube Nipon de Sinop sobre o esporte:

a) A função social do gatebal e sua característica cultural

Imagem 2 – Confraternização entre dois grupos de nipo-descendentes praticantes de gatebal



Fonte: produção dos autores.

Sabe-se que cada pessoa ou grupo social carrega em sua história de vida reservas de vivências-experiências e de memórias bastante subjetivas, as quais são partilhadas com aqueles que integram seu círculo de relações interpessoais. No entanto, quando inseridas em uma situação de fronteira, essas bagagens modificam-se livremente, configurando-se em construtos de um contexto completamente novo. Ressaltemos que é a liberdade transformadora e quase plena operada pela primeira vez que condiciona as outras possibilidades de transformação.

É como nos diz Santos (2007, p. 349):

Ao fazerem escolhas sobre o tipo de comunidade em que pretendem viver, os emigrantes estão, assim, a reduzir o âmbito de escolha que será posteriormente possível: O ato de exercer a liberdade de transformar os velhos modos de vida estabeleceu as fundações

para a criação de novos velhos modos de vida que acabariam por limitar a própria liberdade que os criou.

Essa passagem ajuda-nos a perceber que, na prática do gatebal, os participantes nipo-brasileiros levam consigo a dialética dos novos e velhos modos de manifestação de suas relações socioafetivas e de vida. Vejamos a declaração feita a esse respeito por um informante que frequenta o clube.

Bem antes de Sinop, minha mãe, nos anos de 1980, já estava no meio da turma lá no Paraná, mas eu ficava olhando. Então eu conheço este jogo desde os anos 1980, quando mudamos para Sinop e começamos a associação, o gatebal se tornou um negócio de diversão para os velhos, iniciamos isso aqui e até hoje estamos brincando, passando o tempo, isso é bom para a saúde. (Inf. 2, 2010).

Pelo que observamos nessa fala, do envolvimento do sujeito com a prática do gatebal nasce um espaço-lugar de fronteira no qual se manifesta a fluidez das relações sociais. E esse aspecto figura também neste depoimento:

Vim acompanhando o pessoal, entrei bem atrasado, o povo já estava jogando, fui experimentar um pouco e gostei. A gente pratica estes tipos de esportes, porque, conforme vai tomando idade. A gente já não tem outra opção, pois correr atrás do futebol não adianta, os esportes de correr e andar bastante não tem jeito. Neste tipo de esporte, o gatebal, se caminha pra lá e pra cá, uns 15 metros, é uma diversão e um exercício (Inf. 3, 2010).

O espaço do gatebal como construção é uma fronteira ainda não delimitada, portanto capaz de abarcar a tolerância, uma vez que a inovação e a instabilidade nele se articulam para configurar as faces das relações sociais. Trata-se de um espaço provisório e temporário no qual as raízes se deslocam para contemplar novas subjetividades a serem sociabilizadas.

Quando nos lembramos da rigidez que marca a regulação do esporte convencional, avaliamos que o gatebal configurado no espaço-equipamento do Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT é uma manifestação revolucionária. Como sugere Santos e aqui o parafrazeando, noto que, ali, tal jogo está impregnada do “senso comum emancipatório”, ou senso comum discricionário (desigualmente comum), sendo, portanto, construído e não “fundado” para ser apropriado, privilegiadamente, pelos grupos sociais oprimidos, marginalizados ou excluídos da globalização, os quais se servem da atividade para significar suas vivências em experiências compartilhadas, muitas vezes movidas por afinidades étnico-culturais.

Debruçando-se sobre o assunto, em seu texto intitulado *A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto*, Dunning (1992) propõe-nos uma leitura crítica³ a respeito da crescente tendência para a seriedade no desporto.

Com base nessa visão inovadora e consoante as representações dos sujeitos envolvidos com a prática de gatebal, reiteramos que, para além da alteração do equilíbrio entre o trabalho e lazer, do ponto de vista tanto das ideologias como dos fatos sociais, esse envolvimento de grupos de terceira idade e os laços étnico-culturais estabelecidos são parte da configuração de um processo que “[...] realçou o significado social das atividades de lazer em geral, uma constelação de, pelo menos, três aspectos inter-relacionados da moderna configuração social emergente que terá contribuído para o aumento do significado do desporto [...]” (DUNNING, 1992, p. 322). São eles: 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; e 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida das pessoas.

Elias e Dunning (1992) sugerem que o desporto é um fato de lazer “mimético” com o qual se pode produzir a excitação agradável com potencial de funcionar como meio de “destruição da rotina”. Assim, em uma situação de fronteira estabelecida como espaço, a fluidez não é uma opção nas relações sociais; é, antes, imperativa em determinadas circunstâncias, a exemplo da inovação e da instabilidade flagradas na passagem que segue:

Nós inventamos esta equipe com ajuda do Américo Hirayama, que trouxe a sugestão de um campinho, e nessa invenção que estamos praticando, infelizmente falta gente, pois são 10 bolas, 5 vermelhas e 5 brancas que se atacam. Quando vem gente de fora, de Cuiabá, Juara ou de outro lugar, a gente forma uma equipe em conjunto e faz uma diversão de quase um dia inteiro.⁴ Dá para fornar o juiz, o capitão e assim por diante. A nossa equipe pratica aos sábados e aos domingos, direto. (Inf. 4, 2010).

Somente com a quebra dos padrões tradicionais do esporte ou com o uso seletivo de alguns de seus elementos é possível aos participantes do Clube Nipon tornar suas tardes de sábado e domingo em momentos de sociabilidade e diversão.

3 A partir do referido texto, desenvolvemos algumas reflexões que apresentamos em uma palestra, por ocasião de uma aula inaugural do Curso de Educação Física em Paripiranga-BA, em outubro de 2008, e também sob o formato de comunicação oral no Seminário Educação (SEMIEDU), realizado na UFMT, campus Cuiabá-MT, em 2009.

4 Quando a equipe desta pesquisa encontrava-se na Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT para conhecer o espaço físico do clube e tirar algumas fotografias do campo de jogo e de suas dependências, era domingo e havia uma expectativa muito grande em torno da chegada do grupo de gatebal da cidade de Juara-MT, distante 350 Km de Sinop. Na programação constavam diversas rodadas de jogos entre as equipes e um almoço festivo.

Dentro dessa linha de raciocínio, “A tradição deve, portanto, ser imaginada para se converter naquilo de que precisamos, ainda que a definição daquilo de que precisamos seja, em parte, determinada por aquilo que temos à mão [...]” (SANTOS, 2007, p. 348) mesmo porque “O gatebal é um modo de estarmos passando o tempo e além de um passatempo para se divertir.” (Inf. 3, 2010).

Em suma, os aspectos apontados por Dunning contestando a tendência ao envolvimento cada vez mais sério das pessoas no desporto parecem estar evidentes em dados factuais, nos quais os sujeitos envolvidos modificam-no em vista de suas necessidades, buscando ver atendidas as subjetividades existentes e, quiçá, as que vierem a constituir.

b) A relação idade - tempo

A questão como se vive o tempo” parece requerer uma consideração. Existe uma diferença entre a ótica do velho, da criança e do adolescente na sua relação com o tempo. Para Beauvoir (1990), em sua atual fase de vida, o velho já descobriu sua finitude, mas, no início, não ligava para isso, pois via diante de si inúmeras possibilidades. O futuro no qual ele as projetava ampliava-se ao infinito para acolhê-las.

Logo, o velho sabe que sua vida está feita e que não a poderá refazer, além de estar ciente de suas limitações físicas. O futuro já não mais se lhe apresenta repleto de promessas, “[...] contrai-se na medida do ser finito que tem que vivê-lo [...]” (BEAUVOIR, 1990, p. 465).

Para ilustrar essas constatações, vejamos as declarações de um dos sujeitos da pesquisa sobre como foi sua relação com o esporte na juventude e como a percebe na velhice: “[...] A pessoa que pratica desde criança sabe o que é o esporte, sabe que ele começa gradativamente.” (Inf. 5, 2010).

Esse indivíduo reconhece que, com o avanço da idade, ocorre também o progresso da involução biológica e das capacidades físicas necessárias para a prática do esporte convencional. Nesse sentido, parece-nos oportuna a leitura de Beauvoir (2008, p. 465) quando salienta: “[...] a realidade humana é afetada por uma dupla finitude; uma é contingente e diz respeito à facticidade: a existência tem um termo que lhe vem de fora. A outra é uma estrutura ontológica do para-sí. Na última idade, uma e outra revelam-se juntas, e uma através da outra.”

Por certo, são os velhos as pessoas mais autorizadas a se posicionar sobre a velhice e suas relações sociais, o que pode ser expresso através de atitudes, sentimentos, emoções e pontos de vista. No depoimento a seguir, apreende-se que as condições objetivas para a prática do gatebal, as quais fazem “sentido ou graça” para os jovens, já não serão as mesmas para os velhos, embora se faça presente a convicção de que o vivido na juventude não

poderá se repetir, quiçá, a lembrança daqueles tempos e da desenvoltura no esporte será armazenada na cabine das lembranças mágicas e nostálgicas. É essa dupla finitude que se capta nesta fala:

Outros que vêm aqui e dizem que não tem graça só bater bola assim pra lá e pra cá, eles não entendem, e não acham muita graça, mas quem está ali dentro jogando, sente uma sensação boa. É um jogo bem animado porque a gente já bastante [velho] usa a cabeça, a vista também tem que estar muito atenta pra bater a bola, então é animado. (Inf. 6, 2010).

O futuro encolhido e o tempo longo e pesado que os sujeitos carregam do seu passado são aspectos da vida claramente expressos nesta declaração:

A maioria do pessoal que está aqui começou desde novo praticando outro tipo de esporte. O basebol, não sei se o Sr. já ouviu falar, é aquele americano e que no Japão hoje tem muita influência. Em São Paulo, por exemplo, joga-se muito basebol. No Japão hoje se joga mais basebol do que futebol, agora que começaram a jogar futebol, mas o mais forte mesmo no Japão é o sumô [...] a luta japonesa e o basebol. (Inf. 1, 2010).

Ao afirmar “[...] quem está ali dentro jogando, sente uma sensação boa. É um jogo bem animado porque a gente já bastante [limitado fisicamente] usa a cabeça, a vista também tem que estar muito atenta pra bater a bola, então é animado [...]” (Inf. 6, 2010), o depoente busca justificar o prazer de jogar dizendo que, quando joga, ele exercita não só o corpo, mas também o cérebro, sendo o esforço físico e psicológico retribuído pela “sensação boa” desencadeada pela atividade.

É nesse sentido que, a partir de fatos da realidade, podemos constatar as assertivas de Beauvoir (1990), em seu ensaio sobre a velhice, segundo as quais, à medida que a idade se modifica, a relação do indivíduo com o tempo muda, ou seja, ele passa a ser alguém que traz consigo uma vida passada muito longa e uma vida futura muito limitada.

Um dos idosos relembra a infância quando fala de sua relação com o esporte, fazendo uma comparação do presente com o passado:

Geralmente esporte começa desde o tempo de criança, se começa a aprender alguns tipos de esportes e alguns de nós jogavam basebol que hoje está até iniciando aqui em Sinop. Aquele era um esporte que praticávamos muito, era muito animado. Os pais acompanhavam os filhos e todos juntos... Era realmente uma festa o esporte. Porém, aquilo foi se acabando, fracassando, e hoje se joga muito pouco. (Inf. 1, 2010).

A lembrança da prática do *baseball* na juventude justifica o que Beauvoir destaca quanto ao fato de a maioria dos velhos recusar a passagem do tempo por não querer decair. Cada um conserva intimamente a convicção de que o passado permanece imutável, evocando lembranças da época em que viveu essa segurança (BEAUVIOR, 1990, p. 446). Ou seja, não foi o esporte que acabou e sim o tempo da juventude, que o idoso busca resgatar na medida em que relaciona e compara a experiência do esporte na infância com a vivenciada na atualidade.

Quanto à iniciativa do grupo de velhos nipo-descendentes que se reúne, aos sábados à tarde e aos domingos, para jogar *gatebal*, os sujeitos evidenciam em suas falas e atitudes aspectos que nos autorizam afirmar que sobreviver nessa situação de fronteira é uma provação de sabedoria e de descontentamento com as visões de regulação criadas “a partir de fora” sobre ser velho.

c) O esporte e saúde na velhice

De modo geral, observa-se nas informações dadas pelos entrevistados que todos eles associam a prática do *gatebal* com a saúde. Um dos velhos assim se posicionou em relação a essa questão:

[...] Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo TV, agora aqui você conversa com o povo, anda de lá e pra cá, erra bastante, toma vergonha, isso é bom. Olha, quando você tem um esporte com um campinho pra andar de lá e pra cá, é um exercício. Para nós que somos pessoas de idade, é um exercício muito bom pra gente. Quando entrei aqui, quase não parava em pé, mas hoje já estou firme, pois caminho umas 2 horas indo de lá e pra cá. Eu acho que tem um sentido grande de exercício, de estímulo de movimentação, que faz o jogo ser saudável. (Inf. 7, 2010).

De fato, a prática de esportes na terceira idade traz benefícios, pois estimula o idoso a se movimentar, caminhar e, principalmente, pensar sobre a intensidade da força e a velocidade que deve imprimir em cada tacada na bola para melhorar seu desempenho. A saúde, tanto física quanto mental, contribui para uma melhor vivência da senilidade.

Como o *gatebal* é um jogo de estratégia, o estímulo do pensar, em alguns casos, chega a ser mais importante do que o exercício físico, pois grande parte dos idosos acaba sofrendo de doenças degenerativas que acabam danificando ou até destruindo alguns circuitos nervosos:

[...] É preciso que os circuitos nervosos que permitem a revivência das imagens permaneçam intactos. Certas doenças - entre outras, a demência senil e a arteriosclerose cerebral - destroem um grande número desses circuitos. Mesmo um homem

que ainda tenha boa saúde pode estar afetado por lesões bastante graves. (BEAUVIOR, 1990, p. 448).

Quando perguntados se gostam de jogar *gatebal*, um informante de início nos revelou que diversas pessoas já haviam entrado em campo e disseram ter achado a atividade sem graça, o que talvez tenha ocorrido por não terem conseguido entender que já não se trata mais de jovens em ação no esporte, impedindo que a prática lhes fizesse algum sentido. E, pelo relato a seguir, parece que, de fato, quando a pessoa se envolve com o *gatebal*, o jogo passa a fazer muito sentido em sua vida:

A questão do jogo é o seguinte, todo tipo de jogo quando a pessoa engrena, quando começa a entender o jogo, é gostoso. O jogo é quase um snooker, mas com um campo grande e no chão. Quando a pessoa ataca a uns 10 metros de distância e acerta, por exemplo, é uma sensação boa. Então, acho que qualquer esporte, quando a pessoa começa a engrenar e entender, é gostoso, cativa e seduz. (Inf. 7, 2010).

Nesses termos, verificou-se que o exercício mental requerido do indivíduo que deseja empenhar-se, adentrar-se no jogo mais profundamente para entendê-lo é, por certo, um dos aspectos motivadores da prática do esporte. Porém, para os velhos, o processo de *entendimento do jogo* ocorre de modo mais lento, por causa das limitações físicas que o seu organismo biológico vai assumindo (declínio na desenvoltura que envolve as capacidades físicas).

Outro posicionamento que se constitui em uma ruptura com a tradição pode ser identificada quando um dos entrevistados, para expressar o que sente ao praticar o *gatebal*, externa uma representação de esporte relacionado com a saúde:

Saúde, se sentir saudável e bem fisicamente. Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo TV, agora aqui você conversa com o povo, anda de lá para cá, erra-se bastante, toma vergonha, isso é bom. Olha, quando você tem um esporte com um campinho para andar de lá para cá, é um exercício. Para nós que somos pessoas de idade, é um exercício muito bom para a gente. (Inf. 7, 2010).

d) O sentimento de relação igual, homens e mulheres no mesmo time

O *gatebal*, a exemplo de outros esportes, tem suas regras. Para a sua prática, necessita-se de no mínimo dez jogadores, cinco para cada lado, e mais alguns reservas. Porém, no Clube Nipon de Sinop, não há um número suficiente de praticantes, o que é resolvido pelas esposas dos idosos, que

tomam parte no jogo.

Tendo sido questionados sobre a relação homem-mulher jogando no mesmo time, todos os idosos da associação mostraram não ter nenhum tipo de preconceito, acrescentando que, quando as delegações de outras cidades vão jogar em Sinop-MT, também não há segregação na união entre masculino e feminino.

Tem-se nesse comportamento aglutinador a quebra do paradigma dominante nos esportes de rendimento. Além disso, essa relação contribui para a função social do esporte, que “ao ser dessacralizado”, passa a configurar uma grande confraternização.

Essa mudança de padrão também pode ser relacionada às diversas transformações que, desde o último século e tanto no Brasil quanto no mundo, afetaram as instituições sociais e a ocupação dos espaços públicos, nos quais passaram a ocorrer práticas menos segregacionistas. Hoje, a mulher ocupa cargos antes ocupados exclusivamente pelo homem, atuando, dentre outras funções, como gerente, delegada, advogada e médica. A guerra, ou as Forças Armadas, é o exemplo mais emblemático da ultrapassada tradição de segregação.

Nesse contexto, é também muito importante mencionarmos uma data memorável no espaço de tempo dedicado à escritura deste trabalho de pesquisa. Trata-se do Dia Internacional da Mulher, quando as mulheres reuniram-se no Parlamento, com deputadas e senadoras; no Judiciário, com juízas e procuradoras; e, por último, no Executivo, acompanhando o movimento iniciado no Chile e na Argentina, cuja façanha no Brasil se repetiu com a eleição, pelo voto direto, de Dilma Rousseff, a primeira Presidenta do Brasil.

No XII Simpósio Internacional Processos Civilizadores, realizado em Recife em 2009, Hugo Lovisolo, com a irreverência que lhe é peculiar presenteou os participantes com um texto muito singelo: “Mulheres e esporte: processo civilizador e (des) civilizador”. No artigo, ele focaliza o processo de inclusão da mulher em diferentes setores da sociedade, em direta competição com os homens, e o valor da não segregação dominando esses campos.

No entanto, o autor faz um alerta ao afirmar que a guerra e o esporte foram constituídos campos de não inclusão do feminino. Lovisolo sublinha que, em diversos âmbitos da sociedade, estão em curso processos de transformação com vistas a torná-la mais inclusiva, sobretudo em relação ao feminino. Contudo, percebe-se que a realidade do esporte não é alentadora nesse sentido.

Aprofundando-nos no assunto, vejamos a justificativa histórica do estudioso para a existência da segregação na sociedade:

Parece-me pelos menos que faz 3 séculos a mulher foi posta na representação como a parte menos violenta, mais civilizada, mas “adecentada” da sociedade. Foram construídos argumentos, não raros baseados em afirmações supostamente científicas sobre

as diferenças naturais pelos quais os valores dos guerreiros e da guerra pertenciam aos homens, eram de sua natureza. Os lugares protegidos, como o lar, eram prioritariamente para e das mulheres. Homens em bando caçando, mulheres em grupo nos acampamentos colhendo frutos da natureza e da sociabilidade. Os militares homens não desejavam partilhar suas habilidades nem com os civis homens nem com as mulheres. (p. 4).

Ao atentar para os aspectos educacionais que concorrem para perpetuar ou não valores segregacionistas no esporte, o autor descreve a escola como um lugar no qual as questões de coeducação, ou não segregação, estão há algumas décadas sendo discutidas e tratadas com a marca do antissegregacionismo.

A instituição escola pode nos dar algumas indicações para a complexidade da temática:

O que denominamos de co-educação ou não segregação domina o panorama escolar faz algumas décadas. A co-educação nas aulas de educação física significa que a escola opera com autonomia com relação à sociedade, pois, nesta, a segregação nos esportes é dominada. Alunos atuais nas escolas não sabem que “antigamente” existiam escolas para meninos e escolas para meninas. Alguns ouviram falar do assunto por seus pais. (LOVISOLO, 2009, p. 7).

Não obstante as conquistas com relação segregação nas aulas de educação física nas escolas, Lovisolo reconhece que ainda “Existem professores de educação física que partilham do valor da segregação. A segregação baseada em diferenças parece continuar.” (p. 1).

Apesar de as práticas segregacionistas permanecerem vivas nos jogos esportivos, a experiência com o gatebal permite-nos falar em prática não segregacionista, pois, conforme já vimos, as características da fronteira mencionadas anteriormente permitem, no espaço da inexistência ou carência de alternativas, a improvisação do possível, tendo em vista a fluidez das relações sociais. Perguntados, sobre qual é o sentimento ao jogarem juntos homens e mulheres, vejamos a resposta.

O problema é o seguinte, neste jogo existe o masculino e o feminino, mas como aqui não tem conjunto, a gente não tem um time de 10 pessoas, porque um time completo é de 10 pessoas, então para oficializar um jogo e ir jogar em qualquer outro lugar, precisamos se juntar, pois no mínimo você precisa ter 15 pessoas, para sobrar alguns reservas... Então assim, a gente vai se familiarizando com o pessoal aqui (Inf. 1, 2010).

De fato, o *gatebal* recebe o rótulo de “*esporte para mais idoso*”, como ouvimos de um dos sujeitos da pesquisa, por se tratar de um jogo cuja

execução não exige muito esforço físico por parte de quem o pratica. E a sua configuração de jogo, do ponto de vista pedagógico, reveste-o com um pouco das características do brincar e do lúdico. Logo, trata-se de um esporte que, por não requerer muito empenho físico, precisa de bastante raciocínio e estratégia e, realizando-se em equipe, tem na cooperação entre os sujeitos o ápice para a finalização de uma jogada.

A escola enquanto instituição assume a dupla função de socializar e educar para além da reprodução. É em seu interior que se questionam valores segregacionistas ainda marcantes no esporte como instituição “jurássica”, na qual práticas segregantes são permitidas e justificadas. Talvez tenha sido o espaço disponibilizado pela escola para se tratar o esporte como cultura de movimento que tornou possível o abandono da visão maniqueísta dos valores que tornam o esporte uma instituição dependente de uma direção segregacionista.

Sobre esse aspecto, parece-nos relevante a consideração na qual

A função educativa ultrapassa, vai mais além da reprodução, pelo menos teoricamente. A mesma tensão dialética que aparece em qualquer formação social, entre tendências conservadoras que se propõem garantir a sobrevivência mediante a reprodução do status quo e das aquisições históricas já consolidadas [socialização] e as correntes renovadoras que impulsionam a mudança, o progresso e a transformação, como condição também de sobrevivência e enriquecimento da condição humana [humanização], acontece de forma específica e singular na escola. (GÓMEZ, 1998, p. 21).

Com o exposto, captamos alguns indicadores convergentes para o fato de a prática fornecer os elementos necessários à configuração de novas práticas sociais, quando o esporte, fazendo-se reconhecer, por exemplo, como o “esporte da escola”, passa por transformações para atender os interesses múltiplos e as subjetividades dos educandos.

É essa a realidade do gatebal, cuja prática dá evidências do inconformismo diante de práticas segregacionistas, que tendem mais para impossibilitar a participação do que para a incluir o diferente propriamente dito.

Ainda que alguns arautos defensores das tecnologias informacionais difundam o papel cada vez menor da escola na sociedade “tecnologizada” e informativa, parece que essa organização educativa vai se afirmando, entre outras possibilidades que a contemporaneidade nos apresenta, como instituição capaz de assumir configurações e de propiciar uma reflexão dessacralizada do esporte acerca do seu papel.

Ao se perguntar a quem cabe a reconstrução do conhecimento e da experiência cotidiana sob um olhar secularizado ou laico, Grunennvaldt (2010) é taxativo ao apontar as possibilidades propositivas das instituições

formadoras sobre as condutas dos sujeitos. Com efeito, destaca que a formação profissional dos docentes numa perspectiva democrática e dialógica deve provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta assimiladas pelos alunos, de modo direto e acrítico, nas práticas sociais de sua vida anterior e paralela à entrada em todos os níveis escolares.

A tematização de situações concretas somente é possível em espaços nos quais o movimento se dá com o uso da lógica dialética, que permite o pensar e o (re)posicionar a realidade social. A ênfase nos saberes dos educandos tem sido parte da tônica da problemática posta por Paulo Freire.

O educador ressalta que pensar certo implica, para os professores e a escola, dois deveres: respeitar os saberes que os alunos, principalmente os das classes populares, carregam consigo ao entrarem na instituição de ensino - saberes socialmente construídos em sua prática comunitária -, e proporcionar a discussão e o possível reposicionamento da escola em face do novo, do diferente, haja vista já se encontrarem fixados os conteúdos a serem trabalhados com esse público (GRUNENVALDT, 2010).

Um dos sujeitos informantes do Clube Nipon de Gatebal de Sinop-MT demonstra que, na esfera do lazer, a lógica repressora e condicionadora das satisfações emocionais pode fugir aos rigores a que são impostos os seus membros na sociedade industrial contemporânea, na qual predominam as atividades e experiências dirigidas para objetivos impessoais, podendo ser subsumidas a partir da pactuação de interesses e valores capazes de legitimar o campo de jogo de *gatebal* como um lugar de encontro com o outro e proporcionar momentos de sociabilidade.

Trata-se, pois, da incorporação de uma lógica racional, movida pelas condições locais e emocionais dos participantes, ou, como diria Chomsky (1987), citado por Santos (2007), um espaço de criação de um novo senso comum - “senso comum cartesiano”-, aqui caracterizado pelo uso do conhecimento tácito para problemas localizados e subjetivos.

Talvez haja ali um indício de que as pessoas comuns desenvolvem, em suas conversas e discussões, saberes tácitos, que emergem de suas limitações existenciais verificadas pela memória sobre o tempo, a atividade e a história e “[...] aplicam a sua inteligência e as suas capacidades nesta área específica.” (CHOMSKY, 1987 *apud* SANTOS, 2008, p. 371).

É igualmente possível que o sujeito informante refira-se particularmente ao *gatebal*, em especial quando parafraseia e, ao mesmo tempo, contesta Chomsky (1987 *apud* SANTOS, 2008, p. 371) ao afirmar “[...] que essa destreza intelectual e essa capacidade de compreensão podiam ser usadas em áreas realmente importantes para a vida humana em sociedade.” Em face dessas reflexões, fica uma dúvida: o que é realmente importante na vida dos velhos que jogam *gatebol* no Clube Nipon de Sinop? O que não é importante para Chomsky talvez seja muito importante para o jogador de *gatebal* ...

Quando, em uma pesquisa, se faz referência a sujeitos com limitações

físicas, dificuldades de locomoção e idade avançada, talvez seja essa uma oportunidade de se refletir sobre a racionalização e a padronização de condutas tão frequentemente cobradas pela epistemologia universal e que advém da “[...] racionalidade moderna. Este padrão regulador, sobretudo depois de Descartes, condena as emoções e as paixões por constituírem obstáculos ao progresso do conhecimento e da verdade.” (SANTOS, 2007, p. 366).

Kunz chama-nos a atenção para três aspectos cujos conceitos já foram discutidos na filosofia e na psicologia, mas não em termos do seu potencial para a realização de necessidades e envolvimento de sujeitos com o esporte enquanto meio propulsor do estabelecimento de uma relação movida pelo paradigma da emancipação. Trata-se da percepção, da sensibilidade e a da intuição, que impulsionam a manifestação de movimentos corporais espontâneos e intuitivos de um corpo vivo, que se sente “[...] constituído pela vivência e experiência de ações não apenas padronizadas e para serem copiadas [...]” (KUNZ, 2001, p. XI).

Ao se referir ao encontro com o companheiro ou ao motivo da falta deste, o amigo externou sua preocupação falta de alguém:

A pessoa chegando aqui se encontra com os companheiros e já acostumou quando uma pessoa falta, por exemplo - a primeira coisa que se pensa é -: Porque será que o companheiro não veio? [Quando não vem] Faz falta, é uma amizade, se cria aquela amizade profunda e sente-se preocupação. (Inf. 7, 2010).

Relativamente à questão das emoções no envolvimento com os outros para jogar *gatebal* como prática lazer, podem-se verificar afinidades com a teoria sobre o lazer de Elias e Dunning (1992), para quem as atividades inscritas nesse âmbito podem preencher, simultaneamente, as funções da sociabilidade, mobilidade e imaginação, ainda que, em determinadas situações e envolvimento geradoras de emoções agradáveis, uma possa estar em maior evidência que as outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserimos este trabalho investigativo no empreendimento que se desenhou com a pesquisa mais ampla sobre *O esporte e o lazer no município de Sinop-MT: um estudo de suas manifestações na cidade e no campo*, realizada por Grunennvaldt e Coletto e constante desta coletânea. Lançamos um olhar verticalizado sobre o Clube Nipon de Sinop e a prática do *gatebal* em suas dependências, em relação ao que traçamos estes objetivos: 1) verificar como a sociabilidade de fronteira facilita a construção de obrigações horizontais e sobrepõe-nas às verticais, uma vez que aquelas envolvem o

respeito à subjetividade e possuem natureza participativa e comprometida com os princípios da comunidade; 2) examinar em que medida o *gatebal* pode contribuir para o fortalecimento da sociabilidade e para a mobilidade dos sujeitos, tidos como elementos que qualificam o lazer; 3) compreender o *gatebal* como um jogo ativo que propicia aos sujeitos de terceira idade situações agradáveis, concorrendo para a melhoria das relações interpessoais e da saúde física e mental; 4) reconhecer na experiência do *gatebal* da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT uma iniciativa de jogo-esporte na qual se supera o entendimento corrente do esporte como segregação de gênero na prática, o que não mais ocorre em uma sociedade inclusiva.

No espaço de lazer de Sinop, município configurado como lugar de fronteira, também se podem verificar alguns descompassos, que, sob a forma de advertência, já se tornaram públicos para o contexto de centros urbanos maiores por meio da pesquisa de Marcellino (1983). Sinop é uma cidade recente, que cresce rápido, o que, porém, é frequentemente desacompanhado do desenvolvimento. O aumento exagerado da população local, ocorrido na última década, tem sido um dos maiores empecilhos ao estabelecimento poder público para o equilíbrio entre o crescimento econômico e o desenvolvimento “com liberdade”.

Com efeito, o impacto que a “migração de retorno” desencadeou na cena urbana, tendo em vista a atração que a cidade polo da região - Sinop - causou e tem despertado sobre a população das cidades menores do Norte de Mato Grosso, não foi acompanhada pela construção de habitações e serviços urbanos, incluindo-se os espaços e equipamentos de lazer.

Os sujeitos pesquisados, em suas respostas, atribuem ao *gatebal* diversas representações, dentre as quais podemos destacar: 1) a função social do *gatebal* e sua característica cultural; 2) a relação idade-tempo; 3) a prática do esporte na velhice é saúde; 4) o sentimento de igualdade entre homens e mulheres jogando no mesmo time.

O *gatebal* pode representar um antídoto à homogeneidade cultural que marca também as cidades de fronteira, pois as tradições culturais impregnam-se nos emigrantes como se fossem, de fato, uma “segunda natureza”, ou seja, um dado quase imutável. E isso ocorre mesmo quando se verifica que, ao viver nessas áreas, o sujeito está submetido a uma situação de maior permeabilidade.

Assim, no tocante à democratização do espaço, a configuração do *gatebal* manifesta duas contradições: uma diz respeito ao fato de que, apesar de congregarem homens e mulheres em torno de uma atividade esportiva não convencional, os sujeitos envolvidos são de origem preponderantemente japonesa, caso em que o fator endógeno poderia prevalecer quando da arregimentação de interessados para ingresso no clube, mesmo essa cláusula não constando da legislação interna da agremiação.

A outra contradição repousa no fato de a abertura de um clube ao público

para a prática do *gatebal* representar uma iniciativa capaz de modificar a paisagem esportiva urbana e, ao mesmo tempo, significar um elemento que se contrapõe à homogeneidade cultural bastante presente na vida dos habitantes das cidades, inclusive nas estabelecidas em região de fronteira.

A partir dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa acerca do seu envolvimento com a prática cultural do *gatebal*, encontramos evidências de que esse esporte contribui para o desenvolvimento no indivíduo de atitudes críticas e criativas em âmbito pessoal e social.

Na esfera pessoal, o *gatebal* constitui-se num antídoto para o sedentarismo e as doenças que podem acometer o indivíduo ao longo do processo de envelhecimento devido ao declínio da mobilidade, uma característica da involução biológica pela qual todo ser humano passa. Por isso, a movimentação propiciada pelo jogo foi um dos pontos mais enfatizados pelos sujeitos pesquisados. Essa prática de lazer também se apresenta como uma atitude de não conformismo do velho, como se percebe nesta fala: “[...] se sentir saudável e bem fisicamente. Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo [...]” (Inf. 7, 2010).

O prazer propiciado pelo ganho na qualidade de vida em decorrência da melhoria no desempenho físico não está dissociado da possibilidade de se estabelecerem no jogo relações de sociabilidade entre os pares:

[...] agora aqui você conversa com o povo, anda de lá para cá [...] Quando entrei aqui, quase não parava em pé, mas hoje já estou firme, pois caminho umas 2 horas indo de lá e pra cá. Eu acho que tem um sentido grande de exercício, de estímulo de movimentação, que faz o jogo ser saudável. (Inf. 7, 2010).

Em face do exposto, pode-se notar que as experiências de sujeitos que, movidos por necessidades pessoais e sociais, portanto humanas, vão em busca de atividades de lazer, elementos da sociabilidade, mobilidade e imaginação, tais vivências certamente contribuíram ou serviram como um meio de amenizar os controles que reprimem as inclinações afetivas das pessoas no âmbito do tempo do não lazer.

A pesquisa aponta-nos que o envolvimento desinteressado, mas afetuoso, dos sujeitos com o *gatebal* em um lugar de fronteira, no caso Sinop, entra em choque com a visão reducionista sobre as práticas corporais e de lazer que caracterizam a modernidade, haja vista a sua capacidade de racionalização, e movem grande parte das análises acerca do envolvimento das pessoas com o esporte.

Kunz (2001, p. XII) denomina esse entendimento de paradigma racional-quantitativo do esporte, de forma que, na ânsia de auxiliar o sujeito na busca por melhores resultados, ele pode não perceber que a melhor qualidade de

realização esportiva e de vida pode estar no diálogo travado consigo mesmo sobre suas “qualidades perceptivas e perceptíveis”. É como se todos os gestos e envolvimento pessoais fossem altamente racionalizados e pensados para fazerem sentido ao olhar do especialista externo.

Nesse sentido, os dados fornecidos pelos pesquisados corroboram a teoria de Dunning quanto aos três aspectos inter-relacionados que concorrem para o envolvimento das pessoas no desporto: 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de produção de uma excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de produção de sentidos na vida das pessoas.

Pensar em consonância com essa proposta de Dunning é admitir a existência de várias possibilidades de sentidos que o sujeito, em suas experiências e singularidades, é capaz de atribuir ao seu envolvimento no desporto, levando-se em conta as necessidades pessoais, do plano do indivíduo, e as necessidades sociais, que emergem de sua relação com o grupo no qual se insere.

O cenário do esporte traz em sua configuração as marcas daquele primeiro movimento direcionado para o transporte de suas manifestações do espaço aberto para o espaço fechado e coberto, isolando-as do contato direto com os fenômenos da natureza (chuva, sol, neve, gelo e frio). Contudo, na atualidade, busca-se trazê-lo de volta para o contato “com o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza” (BENTO, 1992, p. 116).

No *gatebal*, procura-se manter sua característica de jogo de espaço aberto, de contato com os fenômenos da natureza, e isso talvez contribua para que seus praticantes desenvolvam um elevado grau de tolerância e paciência, posto à prova em diversos momentos, como, por exemplo, quando precisam aguardar por um tempo relativamente longo até a chuva passar e, então, (re) iniciar a partida.

Imagem 3 – Espaço de realização do jogo de *galebal*



Fonte: produção dos autores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENTO, J. Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”. A cidade esportiva. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Ed.). **A ciência do desporto - a cultura do homem**. Porto: Universidade do Porto, 1992.
- ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNING, E. (Org.): **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N.; DUNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- GIASSON, A. R.; COLETTI, E. R. GRUNENVALDT, J. T. **Vou levando a vida, dançando e vivendo com os outros**: um estudo sobre os enfrentamentos das rotinas habituais. Cuiabá: UFMT, 2010. Relatório final de pesquisa de iniciação científica - CAP: 322/2009.

GÓMEZ, P. A. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GÓMEZ, P. A.; SACRISTAN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GRUNENVALDT, J. T. **As práticas educativas na configuração da educação superior popular**. Aracaju: UFS, 2010. Palestra apresentada na Mesa Redonda “Educação, Sociedade e Práticas educativas” por ocasião do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade.

LOVISOLO, H. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: CIVILIZAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, XII, 2009, Recife. **Anais XII Simpósio Internacional Processos Civilizador**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco-UFPe, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: **PARA UM NOVO SENSO COMUM** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

A PESCARIA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

José Tarcísio Grunennvaldt

Mauver Antonio Sartori

Wilson Kosloski Junior

INTRODUÇÃO

Pescaria

Um homem
que se preocupava demais
com coisas sem importância
acabou ficando com a cabeça cheia de minhocas.
Um amigo lhe deu então a idéia
de usar as minhocas
numa pescaria
para se distrair das preocupações.
O homem se distraiu tanto
pescando
que sua cabeça ficou leve
como um balão
e foi subindo pelo ar
até sumir nas nuvens.
Onde será que foi parar?
Não sei
nem quero me preocupar com isso.
Vou mais é pescar.
(PAES, 1991).

No panorama atual das mudanças quanto às formas de o homem relacionar-se com o meio em que vive, analisaremos, neste trabalho, prática da pescaria, em cujo âmbito as preocupações ambientais são ampliadas com vistas ao estabelecimento de outros espaços de (con)vivência e à consequente redefinição de valores e interesses.

No bojo dessas novas possibilidades, focalizaremos o lazer na prática esportiva da pesca e a variedade de sentidos que a atividade desperta nas pessoas que com ela se envolvem.

Refletindo sobre o assunto, Chao (2004) pondera que o lazer oferece condições e cria situações nas quais o indivíduo pode sentir prazer e satisfação e que esta ocorre quando ele não apenas tem por cumpridas algumas expectativas anteriores, realizando, assim, um desejo ou suprindo uma necessidade, mas também quando a pessoa vai além do que foi programado e vivencia algo inesperado, que sequer havia imaginado antes.

Estendendo as ideias do autor para o nosso foco de pesquisa, podemos dizer que o sucesso não é o único elemento desencadeador de prazer em uma pescaria; as incertezas, os desafios de vencer a imprevisibilidade das situações estão no páreo.

Este trabalho investigativo está ligado ao projeto de pesquisa cujo objetivo é levantar as condições da infraestrutura física da cidade e do campo no município de Sinop-MT no tocante ao esporte e ao lazer, bem como captar as representações sociais dos envolvidos com o fenômeno.

Nesse contexto, a relação homem-natureza é evidenciada na pescaria, a prática mais significativa entre os habitantes da região. Na metodologia, cumprida em duas etapas, foram utilizados para a coleta dos dados o questionário e o mapeamento dos espaços físicos, na primeira fase, e a entrevista, através da técnica de grupo focal, na segunda.

A CIDADE, O RIO E OS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO

Para os sujeitos investigados, a pescaria é um fenômeno que lhes possibilita intercambiar experiências sendo o contato com a natureza o espaço dessa interação. O encontro das pessoas da cidade e do campo no cenário natural desperta nelas sentimentos e sensações adormecidas ou latentes, com isso podendo estabelecer novas relações consigo mesmos, com o outro e com a natureza, produzir outros sentidos para a vida:

[eu] enquanto pescadora e meio-ambiente é ali que eu me sinto parte do meio-ambiente. Aqui na cidade eu não consigo. Parece que essa separação que o ser humano fez entre o ser humano e o meio-ambiente é... aqui pra mim, eu vivo isso. Lá não, lá eu não consigo me ver fora do meio-ambiente. Entendeu? Lá eu consigo me ver, assim, como parte desse meio. (Inf. 1)¹.

Digamos assim, o cara pescante e o meio ambiente deveria ser uma coisa só, o sujeito se integrar ao meio ambiente, esse deveria ser o preceito. Ainda hoje, muitos vão pra beira do rio e nem vê que

1 No texto, a abreviatura "Inf. 1" designa o "Informante 1" dentre os grupos de sujeitos entrevistados, e assim sucessivamente. Na entrevista foi abordada a rotina de cada um deles, envolvendo a pescaria, os interesses e as preocupações em relação ao meio ambiente, o lazer e a prática esportiva desenvolvida no ambiente natural.

tem uma árvore ou uma flor na frente dele, e não liga também que na frente dele tem água, atrás dele tem mato, e que dentro desse mato tem animais, tem plantas. Então, isso aí ainda acontece, e não deveria. deveria ser uma coisa só. A pessoa pescando deveria ser um a mais naquele todo meio ambiente, esse seria o ideal. Esse é o meu objetivo, eu vou pro rio pra me integrar ao meio ambiente e não pra ir para usar e só usar, botar o barco na água e sair andando, então eu tenho que ter respeito por aquilo, e saber que eu sou parte daquilo ali e não sou melhor do que nada ali, se não você vai entrar em conflito, de repente você vai se desgastar, não vai gostar de estar ali, porque se você vai só se preocupar com o meio ambiente, com os pernilongos, com outros bichos, ou com cobras, aí você deixa de se divertir, então é melhor você se integrar, é muito melhor, só daí você realmente usufrui daquilo ali. (Inf. 3).

Os limites da cidade são ampliados pela interação das pessoas com os diversos espaços. Em relação a esse aspecto, no contexto de Sinop, especificamente, o rural e o urbano imbricam-se de tal maneira, que não há destinação entre área de trabalho e área de lazer.

A ocupação das pessoas pode alterar de espaços, trabalhar na cidade e ter lazer no campo, como ocorre o inverso, a predominância da vivência num ambiente não a distancia necessariamente dos outros, mantem-se os vínculos com múltiplas vivências. Miranda et al. (2009) destaca a necessidade de as cidades oferecerem a sua população nos domínios urbanos, como também nos rurais, oportunidades de ambientes que promovam a liberdade, condição essencial para expressão do ser humano.

Com esse argumento, o acesso ao ambiente natural oferece alternativas de lazer que podem propiciar o equilíbrio e a qualidade de vida procurada pelas pessoas atualmente. Em Sinop, a alternância urbano-rural é uma destas experiências.

Se eu pudesse todo o dia iria, mas infelizmente a gente não consegue ir ao rio todos os dias, mas quando vai lá pega uma meia dúzia lá e já deu o suficiente e já vem embora, quando? Normalmente segunda feira, porque nos outros dias da semana tem muitos que estão procurando lazer e tem menos tempo que eu, então a gente deixa esse final de semana pra eles, então normalmente na segunda-feira. (Inf. 4).

Não tem dia, o dia que dá certo, dá vontade, isso na verdade dá vontade todo dia, então é sempre, uma ou duas vezes na semana a gente vai para a beira do rio. (Inf. 5).

Toda vez que tiver oportunidade, se junta 2, 3 amigos, como amanhã, por exemplo, a gente já deve tomar uma aí [...] a gente sai cedo já pra pescar um pouco. (Inf. 6).

As escolhas realizadas por esse grupo de aposentados, ao longo da vida, associaram-se a rotinas de trabalho e a maioria deles tinha escritório de contabilidade. Com a aposentaria, passaram a ter a oportunidade de escolher livremente os compromissos cotidianos, voltados apenas para a autorrealização. Para os grupos pesquisados, a preparação da pescaria e o ato de pescar propriamente dito tornaram-se a rotina de suas vidas.

Iwanowicz (2000) observa que, para o idoso, o afastamento da pessoa do trabalho produtivo pode permitir que ele se liberte de valores carregados de competição individual e que a nova etapa da vida, decorrente desse distanciamento, pode trazer-lhe uma compreensão sobre a sua presença no mundo.

Como podemos perceber, o envolvimento dos sujeitos investigados com o esporte, no caso, a pescaria, pode remetê-los a uma diversidade de experiências cujas expectativas estejam agregadas tanto a realizações futuras, a desejos a serem cumpridos, quanto, em algumas circunstâncias, a referências do passado, dos tempos de infância, quando o ato de pescar evoca momentos de nostalgia, resgata antigos aprendizados ou afirma traços da identidade dos sujeitos:

Bom, é... eu sempre pesquei desde criança, minha infância foi em zona rural e o papai pescava, então já é um hábito de família, depois, é [...] que foi pra universidade houve um certo distanciamento. Quando eu vim para o Mato Grosso, acho que essa abundância de rios e tudo mais, e voltou essa questão da pesca. A gente vai aprimorando, porque, quando criança, só a varinha de bambu; aí a gente vai aprimorando passa pra o molinete, passa pra carretilha e tal. Mas o motivo em si é o lazer mesmo. (Inf. 1).

É, porque eu sou mato-grossense, e a minha origem é baiana, né? E geralmente pra criança, o esporte que se praticava no rio era a natação. Então a gente ia pra beira do rio pra fazer piqueniques, e naquela época se usava bastante; o tomar banho de rio. Tanto que ainda há pessoas que cultivam isso na cidade de onde eu venho que é Poxoréu [...] Desde 2000 que eu estou residindo em Sinop e a partir de então a gente aprendeu a pescar. (Inf. 2).

Sempre gostei de pescaria, desde pequeno eu ia pescar com meu avô [...agora mora em Sinop] antes eu morava no Rio Grande do Sul lá em Crissiumal, vizinho de Três Passos, beira do rio Uruguai, eu sempre brinco, porque o rio Uruguai é parecido com

o Teles Pires, em tamanho, e existem pedras e corredeiras. Em 1977 eu lembro que saí de lá e já não tinha peixe mais, eu ia com meu avô e pegávamos mandizinho, bagrinho, trairinha e nada mais. (Inf. 3).

Lembro-me que na época de adolescente a gente andava 3, 4 km as vezes até 5 para compra 2 metros de linha e um anzolzinho para pesca numa sanga ou num corgo como a gente dizia lá na minha cidade, as vezes chegava lá arrebatava aquela linha, ficava sem pescar, então eu comecei já atingir o objetivo de conseguir alguma coisa, eu ficava vidrado quando eu via um motor e não podia ter um, até que Deus me iluminou e hoje eu tenho 2 motores hoje eu não uso 2 metros de linha sim, eu acho que tenho quase uns 20 mil metros de linha, porque eu sei qual foi a dificuldade, e quando eu vi o primeiro peixe [...] eu fiquei com a emoção da pescaria. (Inf. 4).

Eu aprendi também foi com os amigos mais também através do pai, meu pai sempre gostou de pescaria então através dele a gente sempre segue o mesmo caminho [...] Depois que eu vim embora para o Mato Grosso, aí arrumei um amigo um tal de Amélio um outro amigo por nome de Moscão, Piriquito e aí nos partimos para essa diversão também que é um lazer muito gostoso pra gente ter. (Inf. 5).

Me criei na beira do rio Uruguai, do Rio Grande, então com 5 anos eu já tive, já estava em cima do rio né, apesar do pai não ter sido um pescador eu sempre gostei de pescar na infância, algumas técnicas são diferentes de uma região para outra né, lá no Uruguai se pescava diferente, aqui também eu tive um amigos diferente chamados [...] foram dando as coordenadas aí fomos chegando lá né aí, graças a Deus sempre, dificilmente a gente perde viagem na beira do rio. (Inf. 6).

Atualmente, o esporte pode configurar-se como uma atividade cuja prática propicia momentos de interação do sujeito com o meio ambiente. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2009) afirmam que esse contato com a natureza está ligado à busca do prazer, entrando em cena todos os esforços do indivíduo para o alcance de seus objetivos, a motivação para realizar seus desafios. Nessa textura, tem-se também o distanciamento das rotinas habituais e a procura de um momento de reconquista de valores, mas com outra orientação, que foge das obrigações e ritmos do dia a dia:

É uma sensação indescritível, né? Porque a gente vivencia aquele momento, é uma tranquilidade, é uma paz que não dá, assim, pra você estar... sei lá... falando. (Inf. 2).

Eu posso pescar a vida inteira e eu vou sentir aquela adrenalina, aquela, aquele gosto gostoso aquela vibração, porque você, esse é o grande forte da pesca esportiva você não sabe o que vai acontecer você busca aquilo mais você não sabe de repente aquilo te pega, no meio do caminho, se tá ali de repente num tá bom se tá pensando em outra coisa aquilo já te pega já te traz de volta a realidade ali de novo então o prazer, a pesca esportiva ela é essencialmente ela é prazer, prazer de pescar, prazer de você ver um peixe bonito, aí entra a questão do prazer de solta que é uma coisa assim que não tem dinheiro que pague você solta um peixe não tem olha preferência um grande que ali realmente você. (Inf. 3).

Dá uma alegria, você fica feliz em pegar o peixe, então você fica alegre, esquece de tudo. (Inf. 5).

É a mesma coisa que namorar, a emoção é a mesma [...] você se sente livre, você está na beira do rio pescando, você esquece do compromisso, muitas vezes até de família, e lá é lazer, você joga o anzol e você esta esperando a varinha puxar e tirar o peixinho da água. (Inf. 4).

Sensação de liberdade, de poder fazer aquilo que você tá fazendo, e isso é muito bom. (Inf. 6).

O ato de sair de casa sem um direcionamento pré-determinado, sem as estabilidades impostas pelas tarefas produtivas diárias gera estímulos e placidez, despertados pelo desejo de estar em contato com a natureza, respirando ar puro, andando descalço, sentindo o cheiro da terra, tomando banho no rio, sentindo o vento no rosto, fazendo algo que se quer sem se preocupar com a finalidade vivendo à caça de emoções fortes pela vivência do inesperado, pelo perigo de estar num lugar sobre o qual o conhecimento não é pleno, cujo planejamento não garante a segurança total, no qual a incerteza prova os limites e faz fluir sensações agradáveis.

O HOMEM COMO PARTE DO MEIO AMBIENTE: AS CONDUTAS CONSTITUÍDAS NO NOVO CENÁRIO

Os caminhos percorridos pelos entrevistados levam-nos a contextos que evidenciam outro entendimento da relação homem-natureza. As experiências constituindo um legado que baliza as condutas e atitudes humanas, o contato com a natureza gerando noções desse processo e estimulando o repensar do posicionamento do homem diante meio natural, tudo isso se constituindo em trocas que ocorrem, ao longo dos anos, num espaço dinâmico, e é interpenetrado

pela subjetividade, pela história de vida de cada sujeito. Quanto maior a proximidade, mais intensa é essa relação.

Nesse sentido, a prática esportiva desencadeou atitudes e condutas agregadas à importância de se preservar o meio ambiente e que foram apreendidas, assinaladas e alteradas com o tempo:

Mudou, de quando eu era criança pra agora, mudou. Acho que na época de criança essa questão de meio-ambiente não estava [...] eu não tinha essa conscientização, então mudou e mudou muito. (Inf. 1).

Digamos que não muito porque eu já gostei muito de respeitar, sempre respeitei a natureza, mas é lógico que a gente vai aprendendo, primeiro você é um, você está aprendendo, as vezes você está fazendo aquilo que esta certo não sabe nem porque, hoje eu sei porque fazer aquilo, então eu aprendi com a natureza e com a experiência e tudo mais e estudando a legislação e tudo mais então eu aprendi bastante com o longo do tempo. (Inf. 3).

Eu percebo também que eu faço parte desse processo. Eu tenho que estar em harmonia com ela, né? Então, eu tenho que mudar os meus hábitos, a minha maneira de estar me relacionando, correlacionando com ela, porque por exemplo, eu passava por uma árvore, eu quebrava um galhinho. Hoje, já percebo que essa cultura mudou, eu brigo pela preservação dela [...] Mas eu penso que eu modifiquei em relação ao processo-aprendizagem da preservação natural da coisa. Porque antes eu não tinha tanta consciência quanto hoje eu tenho. (Inf. 2).

Atualmente, praticantes de esportes já buscam harmonizar suas práticas com ideais ambientalistas, como afirma Chao (2004), adotando a filosofia de vida na qual, para a prática de muitos esportes - e até mesmo para a sua continuidade -, é necessária a preservação da característica primitiva de cada ambiente.

A atitude de preservar deve estar sustentada não só na intenção de não interferir, mas também nas informações que instruem quanto ao agir adequadamente nesse sentido, com base nos aspectos legais e técnicos, evitando-se, desse modo, escolhas equivocadas:

Eu quando ia pra beira do rio, ia tomar cerveja e muitas vezes jogava a latinha no rio pra ver ela descendo. Hoje em dia eu já não faço isso. (Inf. 4).

Mudou muito, porque há 10, 15 anos, nós íamos em Sete Quedas, e não trazíamos 50 ou 100 kg, a gente trazia 800 kg, 500 ou 600 kg de peixe. Hoje nós não fazemos mais isso, hoje nós vamos pra brincar, pra se divertir. (Inf. 5).

Mudou bastante também, a gente estava falando que não se usa mais redes, há 10, 12 anos também pescávamos com rede não tinha uma conscientização disso, a partir do momento que a gente veio a entender, com certeza paramos. (Inf. 6).

A rotina de contato do sujeito pescante com a natureza desperta nele o entendimento de que o homem ser parte integrante do meio ambiente e a consequente necessidade de uma tomada de decisão nesse sentido. Todavia, essa questão não deve ser vista de forma isolada ou estanque e sim dentro de um contexto do qual fazem parte os aspectos legais, culturais, históricos entre outros e no qual o homem deve ser entendido como corresponsável pelas escolhas feitas e que impactarão o futuro da vida no planeta Terra:

Que somos nós que fazemos parte do meio, e não o meio que está ali pra te servir. É, daqui uns tempos, como já vem acontecendo, nós não teremos mais nada aqui. Desmatam, pra construir casas às margens em locais que quando chega a cheia, sabem que vai desmoronar tudo... o rio assoreando, as margens estão caindo dentro dos rios, porque foi desmatadas... (Inf. 1).

Porque é muito pouco, e a gente quase não vê nenhuma campanha em relação a preservação do meio-ambiente mais evasiva, assim, mais determinada. É algo que fala, e de repente passa. Então, penso que é algo que se tem que cobrar quase que diariamente pra incutir na pessoa essa cultura. [...] Mas é algo que se tem que trabalhar na cultura de nosso povo. (Inf. 2).

Eu particularmente, estando em qualquer rio, eu me sinto em casa, eu sou meio bicho do mato mesmo, e eu gosto de tomar banho no rio, particularmente gosto do rio [...] eu gostaria que e quero e vejo isso, que hoje, principalmente aqui pra nossa região, está vindo muita gente boa que tá pensando nessa questão de preservar e nessa questão de melhorar a qualidade de vida e tudo mais, e essa é minha luta. [...] e hoje o que a gente percebe é que as pessoas tão começando a ter essa consciência, e o que eu quero é que cada vez mais as pessoas pratiquem esportes e vivam bem, e o grande detalhe do rio, ele te leva a viver bem, você usufruir daquilo, lógico que alguns casos que não tem jeito, que o cara só vai pra beber e pra encher o saco, mas no geral, cada vez mais crianças, cada vez mais mulheres e sempre com respeito pela natureza, e hoje esse respeito tá acontecendo mais ainda tem que

melhorar bastante, e eu quero muito ver essas pessoas novas que estão estudando e se formando, cada vez mais envolvidos com essa questão. (Inf. 3).

Quando você chega ali na beira do rio você esquece de tudo, esquece de ver jornal, a gente precisa da energia porque ela faz parte da nossa vida, porque se não. O local natural é a melhor coisa. (Inf. 4).

O meio ambiente transmite alegria, por isso a gente gosta de estar ali, então é gostoso, o meio ambiente é um compromisso que a gente tem que preservar. (Inf. 5).

Manter limpo, não jogar nada no rio, se encontrar recolher, que isso faz parte do processo, que a gente vê nos grandes rios como o Tietê, que é uma vergonha para o Brasil, então procurar sempre evitar, para que não aconteça com a gente, no rio Teles Pires onde fomos pescar. (Inf. 6).

A solidariedade, o “descompromisso”, o interesse único de se estar ali para sentir a si próprio, tudo isso cria fortes laços entre os sujeitos e o meio natural, tornando-lhes essencial estarem interligados com os seres a sua volta, com as questões e situações do espaço que ocupam no momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que o sujeito pescante, hoje, relaciona-se mais harmoniosamente com o meio ambiente, pois a conscientização que esse deve ser preservado, de modo geral, é um assunto presente nas discussões e decisões cotidianas.

Sendo assim, inserindo-se nessa nova paisagem, marcada por tal consciência, os pescadores demonstram-na em suas condutas, como respeitar a piracema, devolver peixes pequenos ao rio, não utilizar redes, não jogar seu lixo no rio e até recolher o de outrem. Tal comportamento reflete uma concepção de mundo na qual o sujeito se sente parte do meio, e o seu encontro com o ambiente natural afirma essa inter-relação.

A partir dos relatos dos pescadores, verificamos que o ato de pescar proporciona-lhes a oportunidade de estarem em um lugar privilegiado; para eles, Sinop é a terra abençoada, banhada por um grande rio, o Teles Pires, cujas águas abrigam uma fauna riquíssima e atraem o interesse de pescadores de outras regiões de Mato Grosso e turistas de outros Estados.

Ali, o lazer não se resume somente em pescar, como captamos neste depoimento: “[...] não precisa nem pegar peixe... é o estar lá, é o ver os pássaros, as borboletas.” (Inf. 1). Nessa vivência, valores aparentemente extintos são redescobertos, impulsionando o agir, o sentir e o pensar a vida em outra perspectiva.

REFERÊNCIAS

CHAO, C.H.N. Relação homem/natureza e o lazer como uma possibilidade de sensibilização da questão ambiental. In: **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XVI, n. 22, p. 207-220, jun. 2004.

IWNOWICZ, B.J. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, H.T. (Org.). **Temas do lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

MIRANDA, R.; et al. Contribuições do esporte na preservação ambiental. In: CUNHA JUNIOR, C. F. F.; MARTIN, E. H.; LIRA, L. C. **Lazer, Esporte e Educação Física: pesquisas e intervenções da Rede Cedec/UFJF**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

PAES, J.P. **Poemas para brincar**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CTG: UM LOCAL QUE ROMPE FRONTEIRAS

João Batista Lopes da Silva

Emerson Rodrigo Coletto

José Tarcísio Grunnewaldt

QUERÊNCIA

Deixei a velha querência
Saí de lá mui novinho
Com tabuleta ao focinho
E a marca já descascada
Ponta da cola aparada
Sinal de laço ao machinho

Por estes campos afora
Deste Rio Grande infinito
De pago em pago ao tranquilo
Repontando o meu destino
Do campo grosso pro fino
Fui me criando solito

Angico, Mariano Pinto
Picada onde me crici
Por todo ali eu andei
Bebendo e jogando a tava
Bem montado sempre andava
Corri carreira e dancei

Cruzei picadas escuras
Prum baile ou jogo de prenda
Derrubei porta de venda
Pra tomar um trago de canha
E esporeei boi na picanha
Em tudo que foi fazenda

O que viesse eu topava
Serviço, festa ou peleia
Cortei muita cara feia
De indiozinho retovado
E amancei muito aporreado
Com pé-de-amigo e maneia

Um dia me deu saudades
E eu fui rever o meu pago
Sentir da china o afago
E o vento frio do pampeiro
No coração caborteiro
Do meu peito de índio vago

O tempo passou, lá se foi
E eu não queria que fosse
Tudo pra mim terminou-se
Nem eu sou mais o que era
A estância virou tapera
E o que era xucro amansou-se

E hoje só o que me resta
É o pingo, o laço e o pala
Pistola, só uma bala
E a estrada pra bater casco
No cano da bota um frasco
E um fiambrezo na mala.

Vargas (1981).